

novembro de 2025 - número 47

bulunga

A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ



entrevista com um

POSTE

EDITORIAL

O brasileiro já não aguenta mais ouvir falar em corrupção, porque sabe que não vai dar em nada, que será tudo encoberto e as pizzas serão distribuídas em embalagens térmicas, bem quentinhas.

No passado, apenas os políticos eram corruptos, mas agora a doença se espalhou de forma pandêmica, e quem deveria punir está com os rabos entrelaçados com os malfeitores, e assim o povo não tem a quem recorrer.

Uma significativa parcela da população se cala, pois recebe a sua "cota de participação" nesse esquema, com a dependência do "bolsa família", do "auxílio gás", da conta de luz 0800 e, em breve, das passagens de ônibus liberadas, entre outros benefícios que, somados, fazem com que aceitem o seu triste destino e desistam de trabalhar.

Em retribuição, votam nos políticos safados, dos quais se transformarão em reféns.

entrevista com um

POSTE

Há meses procurávamos entrevistar este personagem, mas esbarrávamos em um dilema: qual deles entrevistar, visto que são todos parecidos, são milhares instalados pelas ruas do país, e os considerávamos um "organismo"? Em uma noite dessas, tivemos a sorte de acertar na primeira tentativa: ele estava instalado em um ponto discreto, próximo a um lote vago, e percebemos que mantinha um diálogo com o poste vizinho, por meio de "piscadas" na luz, o que nos fez suspeitar que seria uma espécie de código morse. Desmascarado, ele resolveu conceder a entrevista, mas o difícil teria sido explicar para as raras pessoas que passavam de carro a razão de estarmos conversando com um poste em uma noite de lua cheia.

BULUNGA - Desculpe-me a pergunta aparentemente constrangedora, mas o público gostaria de obter algumas respostas: Qual é a sua utilidade? Qual é a sua função social? Pelo que consta, em você os cães se aliviam, os enamorados se apertam, as videntes afixam os seus anúncios... Para quê mais você serve?

POSTE - Além de sustentar os cabos de energia elétrica, os sistemas de comunicação também passam por mim, desde os antigos cabos telefônicos até os cabos de dados da internet, inclusive os de fibra ótica. Fico sabendo de tudo o que acontece entre os humanos.

BULUNGA - Como assim? Tudo?

POSTE - Tudo.

BULUNGA - Tudo, tudo?

POSTE - Tudo, tudo. E mais um pouco de tudo.

BULUNGA – Isto é constrangedor...

POSTE – Qual é o problema? Você não está com a consciência tranquila? Costuma trocar nudes?

BULUNGA – Não é bem isso... bem... humm.. arrããã.. Mas você consegue ler as mensagens que trocamos? Os sites em que entramos?

POSTE – Eu não falei TUDO? Pois é tudo mesmo. E o que a gente deixa passar, os outros postes nos contam, com detalhes. Há uma extensa rede de comunicação entre os representantes da nossa espécie.

BULUNGA – Além disso, vocês possuem uma visão privilegiada do que se passa nas ruas...

POSTE – Não só das ruas, mas também do interior das residências.

BULUNGA – Mas vocês não conseguem enxergar os andares mais altos... eu, por exemplo, moro no 13º andar.

POSTE - Não se esqueça que os smartphones, televisores, e até algumas geladeiras e máquinas de lavar inteligentes captam o som e, muitas vezes, as imagens das casas. E tudo vai pelos cabos. Você costuma passar pelado na frente da TV? Acho que deveria começar a se preocupar...

BULUNGA - Isso viola a intimidade das pessoas garantida constitucionalmente.

POSTE - Você ainda acredita que essa sua Constituição serve para alguma coisa? Deixe disso: um poste pode ser bem mais eficaz.

BULUNGA - Teve até um candidato à Presidência da República que ganhou o apelido de poste, de tão inútil que ele era...

POSTE - Isso abalou as estruturas de nossa classe. Não poderíamos admitir que aquele pacóvio viesse a ser chamado pelo nosso nome.

BULUNGA - Você não tem ideia do cargo que esse ex-candidato ocupa hoje.

POSTE – É claro que sei. E sei muito mais do que isso. Se eu comesse a falar, certamente, diriam que não passam de teorias da conspiração.

BULUNGA – A coisa está tão feia assim?

POSTE – Dizer que está feia é pegar leve.

BULUNGA – Precisamos ter umas conversas com o microfone desligado.

POSTE – A hora que você quiser. Mas vamos tocando a entrevista...

BULUNGA – Desculpe-me: acabei me empolgando.

POSTE – Deve ser difícil assumir uma neutralidade nessa sua profissão.

BULUNGA – No passado, o jornalismo servia para contar para as pessoas os acontecimentos do país e do mundo, apenas isso. Mas aí surgiu a figura do "âncora" e todos os jornalistas resolveram expor suas ideias, por mais estúpidas que fossem, de-

monstrando uma absoluta parcialidade que não nos interessa. Ficou uma chatice.

POSTE - Além disso, começaram a mentir descaradamente, desvirtuando a verdade. Teve um lance cabuloso na pandemia: o governante à época, que era odiado pelos seus opositores, divulgou a notícia de que um determinado vermífugo evitava a proliferação do coronavírus, e aí a mídia engajada e seus militantes conseguiram fazer com que o medicamento, que não tinha nenhuma contraindicação, fosse vendido somente com receita médica e, ainda assim, em quantidades controladas e com muitas restrições. E o jornalismo em peso apoiou esse e outros acontecimentos ainda mais absurdos.

BULUNGA - Ainda bem que nós, da Revista Bulunga, sempre fomos isentos. Mas não resta dúvida de que estamos vivendo um período muito conturbado. Não sei onde vai parar. Você sente uma nostalgia dos tempos em que os postes eram feitos de madeira?

POSTE - Não vivi nesses tempos, mas ouvi dizer

que era muito bom. Os namorados escreviam com facas os seus nomes dentro de corações; nas festas juninas as pessoas penduravam bandeirolas e no natal eram enfeitados com luzes e bolas coloridas. Vez ou outra alguém pregava cartazes com foto com os dizeres "procurado", oferecendo uma recompensa pela captura do meliante. Era muito divertido.

BULUNGA – As pessoas se isolaram e os postes se tornaram de concreto, assim como os prédios e também os corações.

POSTE – Isto foi poético. Foi lindo. Bateu uma vontade de chorar.

BULUNGA – Deixe de ser cínico.

POSTE – Já tentei ser humorista. Mas me achavam muito parado.

BULUNGA – Acho que tinham razão. Contudo, você poderá se aventurar na política. Poderá realizar bem mais do que muitos Deputados ou Senadores. Ou até Ministros.

POSTE – Ouvi dizer que vão fazer um remake da novela "Explode Coração" e penso em concorrer ao papel do Cigano Igor.

BULUNGA – Alguns leitores podem não conhecer esta novela, mas precisamos explicar que foi interpretado pelo ator Ricardo Macchi, em 1996.

POSTE – Piorou: ninguém sabe quem é ele. Naquele tempo, essa meninada da internet nem pensava em nascer. Só velhos que nem você conhecem.

BULUNGA – Sou velho mas estou na moda. Acho bom a gente ir encerrando essa entrevista por aqui.

POSTE – Já saiu o resultado daquela sua disputa na justiça com o traveco?

BULUNGA – Traveco? Que traveco? Como você sabe disso?

POSTE – Como lhe disse, ficamos sabendo tudo.

BULUNGA - Mas é tudo mesmo? Tudinho, tudinho.?

POSTE - Quantas vezes precisarei falar que é tudo? Tuuuuuuuuuudo!

BULUNGA - Ai, eu tô no sal...

POSTE - Não entendi...

BULUNGA - Eu disse: é sensacional!

POSTE - Ficou alguma dúvida?

BULUNGA - Não: nenhuma! Foi muito bom falar com você, mas agora tenho que encerrar. Preciso ir ali excluir as minhas contas nas redes sociais.

POSTE - Acho bom mesmo!

BULUNGA - Bye, bye!

POSTE - Vai pela sombra!

Lançamento:



"NA EIRA DE ORNÃ"



"Fake News", internet e liberdade

Fábio Ribas

Eu não nasci ontem! Ao contrário da minha filha, a quem estão tentando convencer que o grande pecado da geração conectada dela é o "fake news". Insistem em apresentá-lo como um "fenômeno novo", resultado dessa época superficial, irresponsável e leviana com a privacidade e o uso da imagem alheia. Porém, como tudo o que é produzido pela mentalidade revolucionária, tentam nos vender o velho e desbotado, vestindo-o com roupa de gala, um tom de glamour e um enxerto de Botox.

Eu não nasci ontem! Cresci durante os anos 80 e 90 do século passado (eita!!!), assim, lembramos muito bem dos milhares de "fake news" que pululavam na mídia brasileira. E eram "grandes jornais", escritos ou televisionados, publicando boataria, fofoca e informação montada, criada, construída. Eram "fake news" capazes de destruir carreiras prestigiadas no Brasil. Você não lembra? Artistas compactuados com o diabo, discos tocados ao contrário e com mensagens

demoníacas, o boneco do "Fofão" (lembra?) que vinha com uma faca dentro dele, exposição da vida e de escândalos sexuais de pessoas públicas, que depois se descobria não eram informações verdadeiras. Eram fofocas, boatos, "fake news"!

Já que não nasci ontem, lembro-me de programas de alcance nacional fazendo "matéria séria" sobre a autópsia de médicos em extraterrestres, programas como o "Fantástico" divulgando a "gang dos palhaços", e as tatuagens para crianças em porta de escola com drogas que seriam absorvidas pela pele ou ainda o chupa-cabra e o ET de Varginha. Lembra? E quando a mídia podre ainda deu exposição para vigarista e gente que ganhou rios de dinheiro como aqueles dois falastrões, o Uri Geller e o "Rá!", que era um brasileiro com "poderes paranormais"! E o que mais você lembra de "fake news" da sua infância? A lista é enorme! Mas o que há de diferente entre as notícias de ontem e as notícias de hoje? Qual a diferença entre os boatos e fofocas divulgados amplamente como verdades em programas como o "Fantástico" e o "Programa do Gugu" e o que hoje se divulga na mídia? A diferença está na Internet! Ela não existia nos anos 80 e 90 como um

veículo de consumo popular. Eu e você não tínhamos o acesso amplo que há hoje às informações lançadas na rede virtual. Então, as mentiras, as fofocas, difamações, boatarias de ontem ganharam um novo espaço além dos jornais impressos, da Rede Globo e do SBT. Agora essas "fake news" estão no mundo virtual, num sistema de alcance global! Parece que ficou muito pior do que o restrito ambiente dos anos 80 e 90, não? Só parece. E vou explicar. A fofoca, a mentira, o boato, a difamação não são monopólio da geração que usa a internet. Tudo isso sempre existiu, desde que a serpente plantou a primeira semente de informação duvidosa, falsa e deturpada no coração de Adão e Eva. Em outras palavras, ou melhor, nas palavras de Jesus, o problema não é a TV, nem o Facebook, o Twitter, o Instagram ou o celular. O problema está no seu e no meu coração. Nada que venha de fora contamina o homem, mas a fofoca, a mentira, a difamação, o boato brotam do coração totalmente depravado do ser humano. Portanto, o problema é QUEM usa e não O QUE se usa! Não vamos desviar o foco do que é o real problema das mídias sociais: eu e você.

O pai, a mãe e a família precisam ser educados para

usar a autoridade que têm de desligar a TV, censurar o livro e tomar o celular. Simples assim. Preste atenção: a responsabilidade é sua na mesma proporção em que a culpa é do outro! Entendeu?

Estão querendo convencer a nova geração do "mal" do mundo virtual, quando, na verdade, o que houve com o advento da internet foi a quebra do monopólio da informação! Queridos, isso é um ganho maravilhoso para as próximas gerações, mesmo que hoje haja uma exposição muito maior às "fake news". A grande conquista é que, na mesma velocidade que vem o boato, vem o desmentido! Antigamente, como o monopólio da informação ficava apenas com a "mídia oficial", essas mentiras tinham um poder destruidor na vida das pessoas muito mais trágico, pois a verdade poderia vir à tona só meses depois de massacrarem a vida de alguém. Hoje não! A cada notícia veiculada, quase que imediatamente podemos ter acesso aos seus contraditórios e, aí sim, formarmos uma opinião crítica. Se antigamente acreditávamos que tudo poderia ser verdade, já que passou no Jornal Nacional, hoje sabemos que quase tudo pode ser mentira, então, precisamos pesquisar outras fontes para discernirmos

a verdade, porque a verdade existe.

Para terminar, gostaria de ressaltar que a internet trouxe uma liberdade que a democracia jamais será capaz de nos dar. Agora, a liberdade cobra o preço da responsabilidade pessoal. Quanto mais acesso à informação, mais responsáveis precisamos ser na formação educacional, emocional e espiritual do ser humano. Contudo, por maior que seja exigida de nós, pais e famílias, a responsabilidade na formação moral de nossos filhos, não há dúvida que é melhor o que temos hoje do que nossos avós tinham no tempo deles, porque sabemos que só a verdade liberta, mas a verdade só libertará se tivermos como acessá-la num mar de mentiras que, diariamente, lançam sobre nós. Por isso, a liberdade nas plataformas virtuais é fundamental. Não deixe que o Estado decida por você o que deve ou não entrar na sua casa ou o que deve ou não ser verdade ou mentira. Sigamos em frente!

"Escritos contrarrevolucionários: Ensaios do front"



Fábio Ribas é pastor, missionário,
professor, poeta e escritor.
Contato: ribaseribas1@gmail.com

WALT DISNEY

por Michel Salomão



Todo ser humano deveria ter o direito de ir em algum parque da Disney, ao menos uma vez na vida. É uma experiência tão fantástica que até a família de Osama Bín Laden foi lá, e o irmão do ditador da Coreia do Norte resolveu fazer a sua visita disfarçado (e acabou sendo assassinado por conta dessa travessura).

Tirando essa parte trágica, posso dizer (o que já disse em artigo anterior) que a Disney é o lugar mais incrível do mundo, e o responsável por tudo isso é Walt Disney, um desenhista talentoso e obstinado que sonhava com um mundo de fantasias.



Na verdade, ele só pôde conhecer o primeiro parque, na Califórnia, inaugurado em 1955, mas não teve a oportunidade de ver funcionar o parque de Orlando, na Flórida, que ficou pronto em 1971, e também as outras unidades que foram instaladas na França, no Japão e na China.



Tem muita gente que acha que o seu sucesso começou com o Mickey Mouse, mas foi antes disso: ele realizava um seriado de animação que se misturava com uma personagem real, a menina "Alice", e com isso passou a ganhar algum dinheiro. Foi aí que veio o personagem "Osvald, o coelho sortudo", que teve uma excelente aceitação do público, mas por conta de um rompimento de contrato com a Universal e com a Winkler Studios, ele perdeu a sua criação para o produtor traira Charles Mintz.



A primeira aparição oficial do Mickey Mouse (que, convenhamos, era parecidíssimo com o coelho Osvald) foi no curta "Plane Crazy", que tinha 6 minutos de duração, quando Walt estava com 26 anos, e foi um es-

trondoso sucesso.

Walt Disney, registrado como Walter Elías Disney, nasceu em 5 de dezembro de 1901, em Chicago, EUA, e começou a desenhar muito cedo, aos 7 anos. Ele tinha muita facilidade em reproduzir a imagem de animais, experiência que adquiriu quando morou, durante alguns anos, em uma fazenda, mas era rigorosamente desestimulado pelo pai, e também pelos professores, que não viam futuro na atividade daquele menino franzino e sonhador, que parecia que não ia dar certo na vida.

Mas ele insistiu: foi entregador de jornais, motorista de ambulância na Cruz Vermelha, trabalhou em diversas agências de propaganda, onde desenhava cartazes de propagandas, mas nas horas vagas sempre se dedicava aos seus personagens.

Pode parecer piada, mas Walt chegou a ser demitido de uma empresa como cartunista, pois alegaram que não possuía criatividade.

Sua vida foi recheada de sucessos e fracassos, mas Walt era muito ousado, e suas principais ações só tiveram êxito devido ao trabalho de seu irmão Roy, responsável pelas finanças das empresas.



Entre os sucessos, o primeiro deles foi "Branca de Neve", uma adaptação da história criada pelos Irmãos Grimm, e o público foi seduzido pelos movimentos leves e perfeitos dos personagens, o que até então era uma novidade, mas depois fez também "Pinóquio", "Fantasia" e "Bambi".



Mas aí veio a 2ª Guerra Mundial e o mundo do entretenimento entrou numa profunda crise, sendo que várias empresas fecharam as portas, mas aí veio o lançamento de Cinderela, e mais tarde o filme "Mary Poppins", clássicos que renderam ele alguns dos 22 Oscars que recebeu ao longo da carreira (além de 59 indicações).

Walt Disney faleceu em 1966, aos 65 anos, em decorrência de um câncer de pulmão, pois fumava como um maluco.

Mais recentemente, o grupo Disney esteve envolvido em polêmicas por conta de seu apoio à cultura woke e à agenda progressista, o que representou uma avassaladora queda nos negócios da empresa, obrigando-a a retomar o seu rumo original e demitir o CEO Bob Chapek, cujos desacertos teriam causado bilhões de dólares de prejuízos.

Parece que a medida rendeu um bom resultado, pois o grupo Disney encerrou o 3º semestre de 2025 com um lucro de 135% em relação ao ano anterior, o que comprova que o público rejeitou totalmente essa tendência que quiseram fazê-lo engolir.

MARESIA

Jorge F. Isah

Morar na praia tem muitas coisas boas e não preciso listá-las; é de conhecimento geral. Mas como em todo lugar, tem também os seus inconvenientes. Um deles, a maresia. O inimigo invisível. Depois de algum tempo, se encarrega de deixar as marcas de destruição em quase tudo. Tem preferência pelos metais, couros e tecidos naturais; castiga paredes, teto e deixa um bolor nojento na madeira. Claro, sempre em parceria com a umidade; são os herdeiros de Butch Cassidy and the Sundance Kid, ou melhor, Bonnie & Clyde.

Sempre imaginei que apenas os objetos fossem as suas vítimas prediletas, mas, com o tempo, percebi sinais de sabotagens no meu organismo. Acordar com a cabeça pesada, nariz entupido e garganta feito lixa tornou-se rotina. Aquilo era estranho. Em sessenta anos, nunca havia sentido nada parecido. Seria o prenúncio de doença ou, na melhor das hipóteses, o simples desgaste da idade? Resolvi consultar um especialista.

– Doutor, estou me sentindo assim e assado.

– Tem muito tempo?

– Não... De uns meses para cá.

– Vou pedir uns exames...

Fez risquinhos nos quadradinhos do pedido, me entregou, e disse:

– Quando estiver pronto, marca o retorno.

Depois de pegar o resultado, procurei o doutor, mas ele havia se mudado da cidade e vendido a clínica para outro. Mesmo assim, pensei em marcar com o novato. Me irritei ao saber que teria de pagar novamente; não valia o retorno sem custos.

– Mas isso não é justo! Paguei por tudo.

– Infelizmente, não posso fazer nada. Não é praxe o médico abrir exceções e avaliar os exames de outro médico. É antiético.

– Antiético... roubo, isso sim – sussurrei.

– O que o senhor disse?

– Nada... Onde está o doutor Fulano?

– Infelizmente, não sei ao certo. Mudou de estado... dizem que foi para a Bahia.

– Então, não tem jeito?

– Infelizmente, não.

Infelizmente, não... infelizmente, não... devia ser o novo mantra.

– Mas se o senhor quiser, posso ver se o doutor Beltrano abre uma exceção mesmo não tendo pedido os exames, e cobre um valor simbólico... só para atendê-lo.

– Fazer o quê! Veja com ele, então.

No dia da consulta, a recepcionista olhou-me como se dissesse: "ah, é você o encenqueiro!".

– Pode entrar. O doutor está esperando.

Na sala, o novo médico parecia vegano em churrasco.

– Pois não, qual o problema?

– O doutor Fulano me pediu uns exames.

– Sim, mas qual o problema do senhor?

– Não sei! Por isso estou aqui, ora!

Olhou-me impaciente.

– Quis dizer, quais são os sintomas.

– Ah, sim...

Fiz o relato, e para lançar um pouco mais de drama, já que estava pagando o dobro para receber a metade, acrescentei uma coisa e outra: olhos lacrimejantes e zunido nos ouvidos.

– Isso?!... – debochou – É maresia. Não preciso nem

preciso olhar os exames.

Fiquei atônito.

– Está zombando? Onde já se viu maresia em gente?

– Quanto tempo mora aqui?

– Uns seis meses.

– E desde quando está sentindo essas coisas?

– Talvez um pouco menos.

Pegou os papéis. Lev, virou, revirou-os.

– Os exames estão normais. O senhor tem saúde de aço... quero dizer, de ferro, já que nem ele resiste muito bem por aqui... – e sorriu.

Saí de lá e fui questionar os vizinhos. Seu João, veterano no lugar havia décadas, confirmou o diagnóstico, assim como todos os demais. Por fim, me disse:

– Se tivesse me perguntado antes, teria economizado uma nota e a dor de cabeça... bem, essa não... – zombou.

Pois é! Vivendo e aprendendo... e, claro, fungando.

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de “A Bula do Placebo”, entre outros livros, todos disponíveis na “amazon.com”.
jorgefisah@gmail.com



BRURRO

Luiz Libório Alves da Silva



"Então é assim que se enlouquece."

Falou baixo, olhando para a pia, sob a impossibilidade de olhar para os próprios olhos no espelho, como quem tivesse um peso sobre o pescoço.

Estava em uma festa do DCE da universidade pública em que estudava. Sentia-se triste por olhar no espelho e ver um opressor, entre tantos oprimidos.

"Então é assim que alguém fica doido?"

Falou triste, bem triste, o banheiro público ecoando um pouco a última palavra, dita de fato um pouco mais alta.

"Deve ser", uma voz feminina respondeu.

Um sobressalto desfez o peso sobre o pescoço e fez com que ele levantasse a face e visse a si mesmo, os próprios olhos, no espelho.

"Quem disse isso? Quem é o senhor?", ele perguntou.

"É a Bruna", respondeu a voz feminina novamente.

Ele tinha ouvido, de fato, que a voz era de mulher. Porém, estando em um banheiro masculino, pensou que poderia ser um homem trans, ou uma mulher trans, não sabia, que estivesse ali. Tinha muito medo de ofender, por isso chamara de senhor aquela desconhecida, que aparentemente escolhera estar em um banheiro masculino.

"Coincidentemente eu sou o Bruno", ele disse, olhando ainda para os próprios olhos, como que tentando se convencer disso. "Mas pode me chamar de Brurro, é o que eu sou", sorriu dizendo e lembrando que era assim que o chamavam às vezes os amigos mais engajados.

"Está tentando me ofender? Está querendo dizer que eu também sou Brurra?"

Bruno engoliu em seco. Fizera uma piada de si mesmo e agora ofendeu a uma mulher, ou homem, enfim, ofendeu alguém.

Ele estava do lado de fora das cabines do banheiro, diante do espelho, como já dito, e pela primeira vez olhou, pelo reflexo, para a cabine de onde vinha a voz. Viu pernas, pernas afro-descendentes, não, já disseram que isso estava em desuso, que era ofensivo. Ele viu, na verdade, pernas pretas. Depiladas, pareciam feitas centímetro a centímetro com cinzel de algum mestre nigeriano (então por que pensou em cinzel, algo tão simbolicamente europeu?), realmente raras. "Lindas", ele pensou.

"Não quis ofender dona de pernas tão bonitas."

Por que ele disse aquilo? Mal terminou a frase e se arrependeu de ter dito o que disse. Um silêncio arrastou-se do ralo, de todas as privadas do banheiro, o fedor do silêncio tomava conta de tudo, espesso e vulgar.

Durou menos de um minuto, o silêncio. Ele, que durante esse tempo, envergonhado, voltou a abaixar a cabeça, ouviu o barulho da descarga junto ao mover de pernas e roupas de alguém se vestindo.

Foi mesmo Bruna quem se vestiu. Depois abriu a porta. Bruno olhou.

Era um corpo de quase dois metros de altura, firme e feito de ódio. Bruna era trans, de fato, apesar da voz genuína.

Sem que dissesse palavra, ela tirou um cartão do bolso, que, desdobrando, transformou em uma lâmina, esguia como um cinzel. Então, passando tal lâmina pela pele do pescoço, começou a gritar, em voz agudíssima, clamando por socorro.

Bruno deu um pulo.

"Ei, o que está fazendo? Xiu, que isso? Pare, por favor!"

Bruno desesperava-se terrivelmente.

"Um homem branco está tentando me matar, socorro!", gritava Bruna repetidamente.

Debatia-se, urrava, Bruna. Pelo som da festa e pelo efeito generalizado das drogas, não ouviram de imediato os alunos que festejavam ali perto.

"Socorro!"

Bruno saltou sobre Bruna, depois de algum tempo tentando com súplicas desfazer dela aquelas agressões a si mesma.

Então, alguém ouvindo os gritos, correu, com medo, a chamar outras pessoas, que vieram em mais de dez ver o que estava acontecendo.

Ao entrarem, encontraram Bruno tremendo, sob os últimos convulsionamentos da vida. Ele segurava a lâmina que tirara do próprio bolso há pouco para dar fim à própria morte, crendo ser assassinado por Bruna, não Bruno, pela mesma Bruna inexistente que antes ele tinha visto ali no banheiro masculino.

"Então é assim que se enlouquece", pensou, com nojo de morrer, mas já morrendo.



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

CHOCOLATE



Você sabia que a maioria dos chocolates que você come não são chocolates? Para que você entenda, até bem pouco tempo, chocolate era o produto da mistura de manteiga de cacau, leite e açúcar. Agora não se sabe o que ele é.

Mas, aqui, vale um aparte a respeito da história desta iguaria: a receita foi "roubada" pelos europeus, depois de observarem o seu consumo pelos maias e astecas em forma de bebida, o "xocoatl", que era uma

mistura da massa de cacau triturado, água, pimentas e especiarias.



Era uma bebida forte, encorpada, amarga, consumida apenas pela classe mais alta, e os grãos do cacau chegavam a ser utilizados como moedas, tamanho era o seu valor.

A descoberta foi levada para a Europa, mas logo se transformou em uma bebida adocicada, pois inventaram de misturar açúcar, mas continuou bem amarga, até que Henri Nestlé teve a brilhante ideia de acrescentar leite em pó à massa processada.

Você já deve ter ouvido falar que algumas marcas de chocolate utilizavam "gordura vegetal hidrogenada" em sua composição, mas não tinha nem ideia do que

seria, imaginando que fossem derivados de soja, milho, sementes de girassol, gergelim ou outro composto, e por um certo tempo isso foi uma realidade, até que descobriram o PGPR, ou "poligrícrol", também conhecido como "polirricinoleato", que nada mais é do que o ÓLEO DE MAMONA.



O PGPR é um emulsificante que "afina" o chocolate, reduzindo a sua viscosidade, e é amplamente utilizado na fabricação de lubrificantes industriais, vernizes, fluidos de freio e látex sintético, mas, de acordo com a ANVISA, usar essa coisa em alimentos está tudo ok, dentro dos seus critérios, que estabelecem uma "ingestão diária aceitável de veneno". E sabe por quê escolheram logo esse óleo? Porque é muito mais bara-



to do que os demais.

Ninguém sabe o que isso formará no corpo humano ao longo dos anos. Possivelmente, tumores, entupimento das artérias, doenças malucas que ninguém consegue desvendar a origem, entre elas a inflamação crônica dos intestinos, capaz de provocar diarreias inexplicáveis, problemas nos rins e no fígado, e outros males que há anos vêm afetando os seus habituais e inocentes consumidores.



Não bastasse isso, todos esses produtos recebem o acréscimo de vanilina, que é o sabor artificial da essência de baunilha, para disfarçar o gosto do óleo de máquina que teria a iguaria sem esse "reforço". Isso sem esquecer a excessiva quantidade de açúcar que é utilizado na composição. Para finalizar, uma série de produtos químicos são adicionados, para que fique por anos nas prateleiras sem se deteriorar.

A coisa é tão gritante que alguns desses produtos possuem no rótulo os dizeres "sabor chocolate", porque nada tem de chocolate, ou melhor, de manteiga de cacau, em sua composição.

Porém, e bem possível que de nada valha esse alerta que fazemos: a maioria das pessoas costuma se envenenar com outros produtos como cerveja, refrigerantes, biscoitos recheados, salsichas, presuntos e embutidos em geral, e dificilmente deixarão de degustar essa doce e mortal sobremesa.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



Crônicas Escolares I

Leonardo Bruno Galdino

Nota: esta é a primeira de uma série de não-sei-quantas crônicas-contos escolares que pretendo escrever. Algumas coisas eu vi, outras eu vivi, e outras eu só ouvi. Há, ainda, aquelas que eu nem vi, nem vivi, nem ouvi — só imaginei. Ao leitor caberá a tarefa de decidir quem é quem. O fim de uma história é a deixa para a próxima. Espero que se divirtam.

Aula prática de redação. A professora propôs à classe um tema livre. Era a chance que Paulinho queria para mostrar os seus dotes.

"O papel social da geladeira".

A professora, que passava entre as carteiras inspecionando os alunos, achou curioso o título escolhido pelo aluno.

— O que significa isso, Paulo Roberto?

– A senhora vai ver, professora. Vou provar por a mais bê que a geladeira é um importante indicador social.

– Como assim, menino? – indagou a professora, rindo e curiosa. – O modelo da geladeira ou a mera existência dela numa casa indica a condição social da família, é isso?

– Nada disso não, professora.

– O que, então?

– É simples, professora. Na sua casa é todo mundo que a senhora deixa abrir a geladeira?

– Não...

– Pois então. Está provado o meu ponto. As geladeiras definem os níveis de relação social. Mas deixe-me colocar por escrito, sim?

– Está certo, "Sr. Sociólogo" – disse a professora, que no fundo parecia espantada por nunca haver pensado nas geladeiras sob essa perspectiva.

Na fileira contígua, outro título chamou a sua atenção: "O pigarro precede a resposta".

– "O pigarro" o que, Maria Clara?

– "Precede a resposta", professora.

– Poderia me explicar como, por favor?

– É que se você perguntar a uma pessoa se ela está

melhor da garganta, professora, antes de dar a resposta ela vai pigarrear. Acho que esse é um comportamento padrão dos seres humanos.

— E com base em quê você diz isso, mocinha? — perguntou a professora, rindo, com as mãos na cintura.

— Com base na minha experiência, professora. Ainda hoje eu perguntei ao Paulinho se ele estava melhor da garganta, e adivinha o que ele fez antes de responder?

— Pigarreou?

— Sim!

— E você está generalizando o comportamento humano com base em um exemplo isolado?

— Não, professora. É que semana passada eu perguntei o mesmo a João Vitor e a Polly, que ficaram ruins da garganta após a gincana. Então quis confirmar a minha tese com o Paulinho, que estava meio rouco ontem.

"Primeiro, um sociólogo. Agora, uma antropóloga-laringologista. Estou feita!", pensou a professora.

— Bem, Maria Clara. Como garganta de professora nunca está cem por cento, então acho que estou dispensada de suas observações, não é? — Fez um cafuné na cabeça da aluna e saiu para continuar sua inspeção.

Mas não viu nada de mais que chamasse a sua atenção. Sentou-se ao birô e passou o restante do tempo fazendo toc-toc com as unhas na mesa e observando o quanto o esmalte estava desgastado. Instintivamente, olhou para o calcanhar e viu que estava sujo. Para ela, não havia nada que ferisse mais a dignidade de uma professora. "Meu Deus, estou parecendo uma estagiária! Só falta agora o batom ter-se apagado!", pensou. Pegou o espelho na bolsa e constatou o óbvio: estava. Retocou discretamente os lábios, mas não havia nada que pudesse fazer quanto ao esmalte e o calcanhar. E não adiantava pensar que os alunos não reparariam nessas coisas. Não depois do que viu nos temas das redações de Paulinho e Maria Clara.

Findo o prazo de quarenta minutos, mandou que os alunos assinassem seus trabalhos e deu ordem para que o representante da sala os recolhesse. Organizou a pilha em ordem alfabética e, após fazer uma leitura em diagonal dos textos, foi chamando os autores para que lessem para os demais colegas de classe.

De A a Z o que se ouviu foram basicamente platitudes. Exceto, como era de se esperar, da parte de um certo P e uma certa M.

Maria Clara mal leu o título de sua redação e a sala desabou em riso. A professora julgou a reação não apenas pelo título um tanto pomposo (a aluna era meio metódica mesmo), mas sobretudo porque os anteriores não passavam de lugar-comum: "A importância da educação", "O meio-ambiente e a saúde", "A televisão e os meios de comunicação de massa" e coisas tais que, convenhamos, não prendem ninguém.

"A pessoa pode estar com saúde para dar e vender, mas se você perguntar se ela está melhor do resfriado, invariavelmente ela vai fungar, vai cuspir, vai tirar um lenço de sabe-se lá Deus onde e vai dizer a você, com a cara mais lavada do mundo: 'Estou melhorzinha'", arrematava um dos parágrafos de Maria Clara. A gargalhada foi geral.

Ao fim da leitura, a professora pediu uma salva de palmas, mandou-a sentar-se e chamou Paulo Roberto. Mesmo um tanto desconfiado pelo que acabara de ouvir, nosso pequeno sociólogo postou-se todo empertigado na frente da sala e começou a ler sobre "O papel social da geladeira". Mais risos.

"A geladeira é menina prudente, pois só abre a boca para falar com quem conhece", dizia um trecho. A pro-

fessora captou bem o lirismo da frase, entendendo ser esta uma metáfora para o abrir da porta da geladeira. Genial. Maria Clara, contudo, ficou encafifada, pois no dia anterior fora à casa de Paulinho e este a pegou abrindo o "indicador social" da família.

A aula terminou e os alunos foram saindo. A professora, ainda pensando nas redações que ouvira, organizava alegre os papéis sobre o birô. Mas então percebeu que dois alunos ainda não haviam saído.

— Paulinho.

— Oi, Maria Clara.

— Estou encabulada com uma coisa.

— Estranho... eu também estou.

— Por acaso a sua redação foi uma indireta para mim?

— Eu já ia perguntar o mesmo.

A professora interveio e perguntou o que estava acontecendo.

— Estou me recuperando de um resfriado, professora. E a Maria Clara...

— E eu estive na casa dele ontem e ele me flagrou abrindo a geladeira, professora! — interrompeu ela.

— Ora, ora, se não temos aqui um pequeno conflito — disse a professora com aquela voz apaziguadora que só as professoras têm.

– Vamos com calma, queridos. O que os faz pensar que a redação de um foi para se vingar da redação do outro, se nenhum dos dois sabia sobre o que o outro ia escrever?

Ficaram pensativos.

– Vamos saindo, que eu preciso lavar esse meu calcanhar, e seus pais já devem estar esperando por vocês.

Ao saírem da sala, deram com o professor novato. Seu semblante parecia o de um cachorro que acabou de cair do caminhão da mudança.

Leonardo Bruno Galdino - veja o perfil em
<http://www.youtube.com/user/LBGaldino>



Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon

Eles nunca subiram em árvores

Sammis Reachers



Eles não sobem em árvores. Bom, nem nós. Mas neles é pior, o baú da memória está nu: eles nunca subiram. Não há essa função em seus smartphones, ou app dedicado no play store. Nem game de escalada em árvores temos, embora haja até game que simule fábrica de cupcakes.

Cresci numa área periférica, miscigenada entre o puramente rural e o deficitariamente urbano. A árvore era uma amiga e uma certeza de qualquer ponto da paisagem.

subir em árvores era manobra natural, filha primogênita da peraltice que fere toda criança. Claro, havia o subir por puro lazer, esportivo, e havia o utilitário: a coleta de frutas, ou desemaranhar uma pipa agarrada. Mangueiras, goiabeiras, jaqueiras, jambeiros e cajazeiros, e o que mais Deus propusesse de frutas nativas ou exóticas (exótica é a que veio de fora de nossa pátria, e Deus, ah, é um imenso proponente). Havia hierarquia arbórea: Dividíamos as árvores em fáceis, médias, difíceis e impossíveis de subir. Mas, as impossíveis tinham lá seus Quixotes: os moleques especializados em escalada arborescente. Aqui tínhamos quem subisse até em coqueiros e palmeiras, como a macaúba, cujo coquinho-catarro era iguaria bem disseminada e apreciada na região. No mais, o instinto gregário e de divisão laboral prevalecia: Eu, mau escalador, quantas vezes ficava no solo, só aparando as frutas que os hábeis lançavam lá de riba? Duma vez que quase morri aparando tentando aparar jacas (!) dá uma crônica daquelas hilárias. Outra hora.

Há pouco mais de uma década, fazendo uma caminhada com meus sobrinhos de então uns 13 e 10

anos, respectivamente, indaguei sobre o tema. Embora criados na mesma região que eu, o peso geracional carregou a mão sobre os moleques, e eles nunca haviam subido em sequer uma árvore na vida. Havia um pequeno pé de jamelão no caminho (caminhávamos d Tribobó a Maria Paula), e, ao incentivá-los, percebi a verdade do relatado, na imperícia desconcertante dos moleques.

Outro dia vi um texto desses que circulam em grupos de Zap ou páginas de coroas do Facebook, que despejava uma verdade no leitor: Você não vê mais crianças com gesso. How, espere aí: Isso é bom, isso é ótimo. Certo? E isso é bastante ruim. Gesso remedia fraturas, fraturas demandam tombos, tombos demandam movimento, risco. Vivência fora da(s) ilha(s) de conforto e eletrotecnia.

Posso subir sobre uma de minhas árvores diletas, sempre ele, o pé de jamelão, e apregoar sobre a necessidade urgente de reconectar nossas crianças com a natureza crua (leia-se: não mediada), mas isso é chover no molhado.

E como subir numa árvore que não existe? A suburbana cultura da árvore no quintal deixou de

existir, substituída por funcional concreto, palmeiras e coqueiros interditados à escalada, a piscina ou a área de churrasqueira – vendida pelas empreiteiras de forma padronizada, pouco importa se o cliente aprecie – ou vá fazer uso – da tal churrasqueira. As empreiteiras vendem suas casas conjugadas/geminadas dentro do padrão de máxima utilitariedade e mínima espacialidade. Tal cultura não-arborizada meio que se espalhou pela mentalidade geral, nos subúrbios de algumas de nossas principais cidades e metrópoles. Você pode andar por lugares como o distrito maricasense de Itaípuçu, com casas instaladas em terrenos de tamanho regular, numa configuração ideal para suportar de um ipê a uma mangueira, passando por toda a inumerável família de árvores e arbustos menores. Mas é possível caminhar por quarteirões sem ver quase copa alguma. Somente telhados coloniais e concreto. Quintais perfeitamente mortos – e funcionais. A Terra paga o preço, e o homem. E as crianças.

Há toda essa coisa das gerações e suas peculiaridades. Baby Boomers, Z, X, Alpha etc. Por sinal, neste 2025 nasce justamente uma nova: a geração Beta. Sim,

delimitações úteis – mas até certo ponto: isso tem muito de simples presepada (ah, você já imaginava, hum?), muita coisa conceituada a nível "beta" (provisório/experimental). Assim como – fruto, reflexo? – as incansáveis delimitações e segmentações de problemas mentais que pululam e fazem explodir de páginas os manuais de psiquiatria, e de grana os editores, psicólogos e expedidores-de-laudos em geral. Saiu uma nova atualização há pouco, também.

Voltemos ao tema, vamos de uma polêmica por vez. Precisamos de árvores e de trepadores.

A internet trouxe luz, com perfis de amantes de árvores e frutas, nativas ou exóticas, que trocam informações e vendem mudas, via SEDEX, para todo o Brasil. Sim, quase toda fruta que você (não) conhece pode ser adquirida em muda, chegando embalada no seu portão. Outro dia vi um colecionador brasileiro de frutas (bem, para brincar disso você precisa ter um sítio ou fazenda) que foi à Indonésia em busca de conhecer novas espécies (sul e o sudeste asiático são um dos hotspots fruteiros da Terra). Há empresas como a Safari Garden (@safari garden plantas) e a

Colecionando Frutas (<https://www.colecionandofrutas.com.br/>), que vendem fruteiras sortidas pelo correio. E há perfis como o do botânico e paisagista Ricardo Cardim (@ricardo_cardim), atualmente badalado, e que ensina, em curtos vídeos no Instagram ou Tik Tok, noções de arborização, paisagismo e botânica aplicada aos temas citados.

Iniciativas fundamentais para resgatarmos a cultura da árvore, e isso, os manuais não vão lhe ensinar, passa pelo moleque e pela moleca, pela construção, neles, da familiaridade que demanda experiências. Leve-os ao parque da cidade, àquele sítio que cobra por diária. Uma trilha, uma caminhada na mata. A árvore na pracinha.

No mais, é restituir o que o progresso dinamitou, a árvore ou arbusto em seu quintal, na calçada, no terreno baldio em frente. Compre. Plante. Eles entregam embalado, em seu portão. Muitas prefeituras distribuem mudas gratuitamente.

Como escrevi num poema, as árvores são "playgrounds patamarizados". Mas eles, os alfas e betas, precisam descobrir, transitar entre os patamares, arriscar o tombo. E ela, a árvore, precisa



ser reintroduzida na sociedade, em seus solos e convívios, feito um parente que passou tempo demais no exílio. Fazer as pazes conosco e ser apresentada a nossos rebentos.

Estou pensando em inaugurar uma "oficina de escalada de árvores". A cada quinzena, numa APA ou Horto Botânico. Para horror de algumas mães e avós, médicos e autoridades. Bem, é preciso empreender e isso acontece – e prospera – no solo do risco.

Falando em risco, este sim protuberante, o geoterror climático, assevera: É urgente nos reconciliarmos com as árvores, e salvar o(s) que pudermos.

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



O balde

Debora Rempel



Conforme chegamos ao fim do ano, fazer uma retrospectiva é como passar um filme diante dos olhos. Em uma pequena reflexão, eis a pergunta: que impressão fica do ano? Se o seu nível de energia fosse um recipiente, tente imaginar se ele estaria cheio, pela metade ou vazio.

Diante das mais diversas demandas, muitas vezes podemos sentir nosso vigor espiritual e físico sendo drenado. Porém, não é preciso chegar ao ponto do esgotamento para forçosamente frear esse ciclo. Mais

ainda, certamente todos temos pessoas que dependem de nós. Quando não estamos bem, alguém sente o peso da ausência, seja em casa ou no trabalho. Por isso, cuidar de si mesmo é de grande importância.

Retomando a metáfora do recipiente, recompor as energias é como encher um balde. Numa brincadeira de palavras, é des-cansar. Uma vida no escritório, sob estresse mental, porém tranquilamente sentados, pode nos fazer perder a conexão que existe entre tensão e relaxamento, tão vital para a saúde. Quem realiza trabalho físico sente isso na pele. É enchendo o balde que somos capazes de dar nosso melhor para as pessoas à nossa volta. Isso não é um ato único, mas contínuo, assim como dependemos de água e alimento físico. Descansar uma vez por semana, um mês ao ano, um ano sabático, isso é bom. Fundamental, porém, é cuidar a cada dia para que o balde não seque.

O segredo para chegar a esses momentos de descanso todos os dias é delimitar fronteiras. Priorizar momentos para descanso e reflexão em detrimento de distrações e compromissos concorrentes que tentam "invadir" espaços na agenda contribui para um equilíbrio. Como diz Eugene Peterson em seu livro "The

Gift: Reflections on Christian Ministry": "O truque está em anotar certas coisas na minha agenda antes que outros o façam por mim. Portanto, estabeleço momentos para orar, ler, relaxar, para quietude e solitude." De certo modo, isso significa colocar-se numa postura de proteger o próprio ser. Dentro dessas "fronteiras", é possível abastecer-se.

Já pensou em ver seu balde transbordando de fé, força e alegria para as pessoas à sua volta? Tudo começa com a primeira gota no balde...

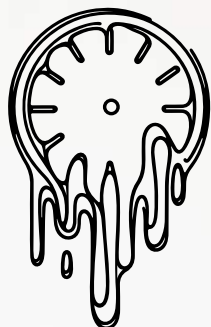


Débora Rempel - Tradutora, revisora e escritora, gosta de explorar a riqueza da comunicação em vários idiomas. É brasileira neta de imigrantes alemães. Também apelidada de "Sol", tem uma personalidade radiante, sempre em busca de ver o lado bom da vida. Gosta de cultivar amizades, é amante da natureza e tem um blog sobre gratidão e fé chamado "Centenas de motivos".
rempeldebora@gmail.com



AH, O TEMPO...

Rosemare Gomes



Aos meus leitores, sei que vocês não me perguntaram sobre o meu pai, já que na maioria das vezes escrevo memórias de coisas vividas com a minha mãe. Mas eu tive um pai e tenho muitas memórias com ele. Meu pai era um homem muito fechado ou, poderia se dizer reservado. Não era alguém que não se abria, mas geralmente cauteloso ao fazê-lo, ao se deixar revelar. Não tinha o costume de sentar para conversas com os filhos, embora não fosse rude, mas provocava um certo respeito, quase medo.

Pelo olhar de hoje, receberia a alcunha de "machista", por sempre distinguir mulheres de homens, algo óbvio, mas que é preciso desenhar. Sempre ouvi-o dizer que, quando tinha quinze anos, no início da década de trinta, mulher não podia estudar. Não por razões financeiras ou sociais, mas por serem mulheres.

Ao trabalharem fora, deveriam ser vigiadas para não se "perderem". E nada mais perigoso do que mulheres na escola, onde arrumar "barriga" parecia a lição mais importante.

Mulher não poderia tocar saxofone. Eu era doida para aprender a tocar saxofone, principalmente por vê-lo, meu pai, tocar tão bem. Ele era clarinetista e saxofonista. Mas sempre dizia:

– Paixão! Saxofone é coisa de homem. Mulher tem de fazer as obrigações de casa. Para quando casar, cuidar da casa e dos filhos e não passar perrengue.

E continuava:

– Paixão, mulher não pode ser artista. É profissão de "mulher da vida"!

Eu nem sabia o que era isso.

Muitas vezes, quando me aproximava dele para dar um simples abraço, me repreendia:

– Paixão, vá pra lá! Não deixa sua mãe nervosa!

Mais tarde, soube que eu não era filha da dona Santa, mas de outra mulher, com a qual malandramente se casou (uma história bastante complicada).

Se ele demonstrasse mais carinho comigo, isso despertaria, como várias vezes despertou ciúmes de

minhas irmãs e irmãos. Contudo, longe da minha mãe adotiva e dos meus irmãos, por ser a "rapa do tacho", ele me levava à missa, depois ao Mercado Municipal, onde encontrava os amigos para prosear.

Quando já estava casada, após vários anos, os filhos nascidos e grandinhos, dei-lhe um abraço inesperado, do qual não teve como se esquivar, e lhe disse:

— Pai, eu te amo!

O seu semblante mudou, como se comesse uma fruta saborosa ou se deliciasse com a refeição predileta — embora o sentimento de pai se mantivesse preso — como um saxofone sem palheta, que, por tantos anos, precisava de conserto. Um tipo de "pai secreto", vivido nas sombras, ou melhor, um som sem melodia.

Antes, ainda morando com ele, meu pai deixava dinheiro para mim, debaixo do meu colchão, sem que ninguém soubesse me advertia solenemente:

— Paixão! Psíu!... Não fale para ninguém!

Quando minha mãe, madrasta, perguntava:

— o que vocês dois estão falando?

Eu mudava de assunto, para evitar alguma briga entre eles.

Hoje, entendo a distância dele comigo, por tantos e

tantos anos, como uma proteção necessária. Afinal, a vida não é como nós desejamos, na maior parte do tempo. O importante é se adaptar e sobreviver. De preferência sem incorrer ou amplificar as dores, feridas e vinganças.

E uma vida simples, pode ser tão boa que a gente se surpreende, ao dar uma chance para ela.

Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com



KÁLAMOS

www.kalamos.com.br

ATUALIZE... OU MELHOR, REINSTALE!

Jorge F. Isah



Não sei dizer o que está acontecendo, se estou numa versão beta, num episódio não finalizado de Black Mirror, ou a Matrix me enganou e fez-me crer que tenho uma vida quando não tenho. Mas, mesmo não tendo, posso me ferrar.

Explico: acordei com aquele gosto de sola de sapato na boca – se meu ou da minha esposa, não faço ideia – e após ligar o celular, um enxame de notícias. Bloquear?... Já tentei tudo; menos um aplicativo pago, em dólares. Se souber de uma vaga de CEO, me avise! O salário precisa, ao menos, cobrir os gastos com o app.

Veio o noticiário:

"Presidente sanciona proibição de linguagem neutra em repartições públicas."

Para começo de conversa, não deveria ser necessária uma lei para algo que não passa de delírio na cuca dos lelés ou dos lelés da cuca. Mas vá lá! Todos têm direito à sua camisa de força, ou um bom livro de gramática.

"Câmara aprova lei anti-facção."

Nessa, o queixo caiu. É autoaplicável a políticos?

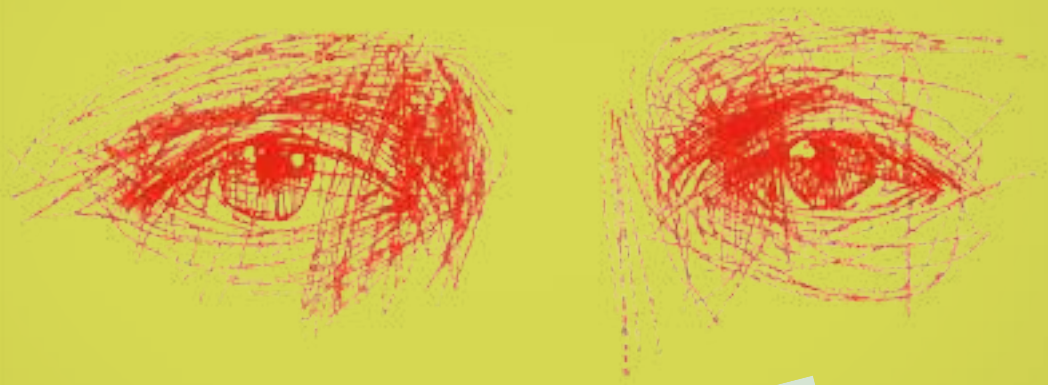
Como a ressaca piorou, fiz uma lista maior do que desculpas de filho quando bate o carro:

- Proibir o uso de ketchup na pizza. Se isso não é um crime hediondo, não sei mais o que é.
- Abolir a Lei Chaves — "foi sem querer querendo" — e, junto, o Óleo de Peroba.
- Regular o uso de tatuagens, seguindo as normas de "outdoors ambulantes".
- Proibir nomes como "Luiz Inácio" e "Jair" nos púlpitos de igreja e salas de aula. Permitido o uso para animais domésticos e aquela samambaia chorona.

Esta é a vida que eu tinha?... Pois é, levaram.

Sem deixar recibo.

O Lhos dE FOME



Em breve, na AMAZON

um livro de
Michel Salomão

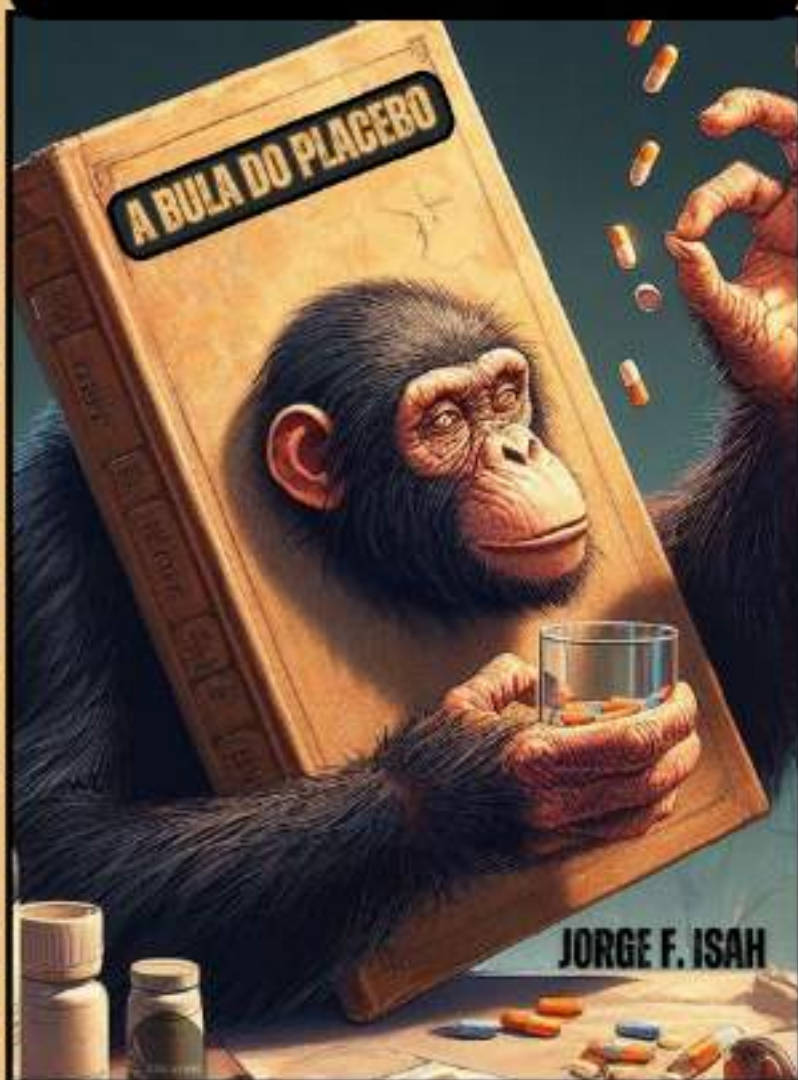
BULUNGA NEWS

O futuro nunca esteve tão presente!

EXTRA! EXTRA!

Em um mundo sem esperança, "A Bula do Placebo" surge como o remédio a lembrá-lo se tudo não está ainda perdido, é questão de tempo. Ao tratar os grandes dilemas humanos, suas manias, pruridos e flatulências, você se sentirá revigorado. Porque, afinal de contas, o que não tem solução, solucionado está!

Junte-se a nós e resista aos glúteos e peitoris sarados, aos bate-estacas e carros de som, funks, os "Ali babás" e seu zilhões de larâpios, enquanto o "tico e teco" caem dopados e em frenesi. E talvez, você seja cancelado, difamado, preso, e se veja cercado, à esquerda e direita de palpiteiros e salvadores-da-pátria. Entretanto, garantimos "A Bula do Placebo" como a solução imediata para o que não tem solução.



GARANTA O SEU EXEMPLAR!
NA AMAZON OU KALAMOS.COM.BR

COMIDA! COMIDA!

Michel Salomão



Se acaso você resolvesse verificar como os alimentos que consome são manipulados, certamente desistiria de comê-los. E isso vale para alimentos crus e processados, e também para aqueles consumidos em restaurantes e lanchonetes.

Eu morava ao lado de uma padaria e certa madrugada acordei com o meu filho passando mal. Corri para tirar o carro na garagem e fiquei esperando na rua, enquanto a minha esposa acabava de se vestir e descia as escadas com o meu filho, para o levarmos ao hospital.

Pela fresta do vidro de uma janela quebrada que dava para o subsolo da padaria, pude ver um homem gordo, pelado, tranquilamente amassando a massa do pão com as suas rechonchudas nádegas. Por sorte, nunca havia comprado pães naquela padaria.

Você tem o costume de comer frutas secas, nozes e castanhas? Já reparou que muitas delas ficam cheias de "quebradinhos" e "arranhadinhos"? Não tenha dúvidas: são os ratos. Esses alimentos ficam espalhados pelo chão até que resolvem ensacá-los, mas enquanto isso não acontece, os bichos fazem a festa.

Você acha que um cozinheiro de um renomado restaurante que deixar cair no chão um bife de Kobe vai jogá-lo fora? É claro que não! Você também alimenta a bela ilusão de que verduras e legumes, nesses ambientes, são lavados e higienizados cuidadosamente?

O meu tio trabalhava como gerente de um dos mais venerados hotéis do Rio de Janeiro, nos anos 60, e toda

vez que um cliente chato reclamava (sem razão) da comida, ele levava o prato para a cozinha e todos os cozinheiros cuspiam nele, davam uma mexidinha, fingindo que haviam trocado, mas o que mais gostavam era quando um dos garçons estava gripado e contribuía com uma bela secreção verde raspada da garganta, que mais tarde recebeu o nome de "crème au fromage vert".

Por isso, não costumo reclamar da comida em restaurantes, preferindo pagar a conta calado e não mais retornar.



A vida que você salvar pode ser a sua

Roberto Vargas Jr.

Após a leitura, passei um bom tempo tentando conciliar as coisas. Porque decerto o conto pode ter outras interpretações. Mas, de todos os aspectos aos quais poderíamos ser levados, e posso cá pensar em um ou dois, o que me chama a atenção é o Sr. Shiftlet.

Enfoco nele, pois. Afinal, ele tem muito do Cristo – ao mesmo tempo que nada dEle tem. Notem algumas das semelhanças – nas quais, ao mesmo tempo, ele é em tudo dessemelhante:

- Sua silhueta de cruz ao pôr do sol.
- Ele é carpinteiro.
- É perfeitamente homem (apesar de maneta).
- Faz obra com interesse pela terra.
- A mesma obra que o faz casar/resgatar a menina incapaz.
- No entanto, ele não fica na terra.

- Ele "entrega" a menina a outro cuidador, remetendo ao Espírito.
- O "passarinho" que ele ensina a menina a falar, novamente remetendo ao Espírito.
- A "ressurreição" do carro (e é curioso como os automóveis costumam ser personagens dos contos de Flannery).
- O discurso sobre o "para que serve o homem?" Ou melhor, a quem serve? A Deus ou às riquezas?
- A lei é insuficiente.
- A esposa é "um anjo de Deus", mas depois este "anjo de Deus" é a mãe que ensina o filho a rezar, sendo odiada enquanto mãe. Um tipo da Igreja.
- A oração por lavar o mundo após sua passagem.

E ainda o seu próprio nome, também sempre relevante nos contos de Flannery. Há a sugestão mudança, alguém pouco confiável, torto. Ou há sugestão da mudança dAquele que a Si esvaziou na Encarnação – mistério sobre mistério! Ou ainda a sugestão de... substituição.

Ao que eu diria que ficaria com uma de duas interpretações, cuja cruz torta ao pôr do sol é a chave

Em ambos os casos.

- O Sr. Shiftlet é mesmo um tipo de Cristo, e, se assim torto, é porque todo tipo é torto. Tal qual Davi, o adúltero assassino que era segundo o coração de Deus.

Ou:

- O Sr. Shiftlet é um falso Cristo, um falso profeta, um falso tipo, cujas obras más ou incompletas serão lavadas numa tempestade que é a ira de Deus (lembrei da tempestade em Jó), talvez mesmo com a redenção dele próprio (o que justificaria o título).

Pensando bem, não fico com uma entre as duas. Se sempre podemos pensar em camadas de sentido num texto, fico com ambas.

Notas: "A vida que você salvar pode ser a sua". Em: O'CONNOR, Flannery. Um homem bom é difícil de encontrar e outras histórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Roberto Vargas Jr. é brasileiro nômade, cristão reformado, casado e pai de três pródigos, não-escritor que escreve, pecador sob abundante graça. Autor do livro "RVJ, reminiscências de um blog". Escreve em <https://link.medium.com/GtnaWNh8yX>



LANÇAMENTO



Inteligência artificial, tempo herdado e trabalho

breve ensaio sobre uma angústia

Luiz Guilherme Libório Alves da Silva

À venda na amazon



CARTA PARA INVERNIZAR

Aldair Ribeiro Santos



Quero parabenizar-te pela conclusão dos estudos na Faculdade de Artes Maléficas. Espero que tenhas aproveitado esse tempo de conhecimentos infernais nas artes da tentação. Agora vem o seu estágio. Bem sabes que só receberás o diploma se colocares em prática tudo o que aprendeste na teoria, isto é, achar um alvo humano, tentá-lo, e mantê-lo consigo até entregá-lo no nosso maravilhoso lar: o Quinto dos Infernos.

Podes começar a tentar qualquer deles, no entanto, no seu estágio deverás escolher apenas um, pois estarás sendo observado por um tutor designado pela Faculdade. Como ainda estás a procura de seu humano, vou orientar-te mostrando que tipo poderá ser seu alvo em potencial. De acordo com Manual da Tentação, quanto à sua fé, os humanos são classificados em três tipos básicos: os céticos, os de cima do muro e os religiosos, cada tipo com suas infindáveis subdivisões (cada dia aparecem mais. Não tente entender isso).

Os céticos são nossos. Sua característica principal não é não crer, é crer em si mesmos e crer em diversos ídolos que eles construíram no coração. Sua religião é pensar que não creem e seu trabalho de tentador é mantê-los pensando assim. Aqui acharás os ultrarracionais e os intelectuais em geral. Caso escolhas um humano destes, seu local de trabalho principal será no Velho Mundo, a Europa, nas Universidades e nos órgãos governamentais que lidam com a Educação.

Os de cima do muro não sabem em que creem, embora pensem que sabem. Pulam de doutrina em doutrina, de igreja em igreja e de pecado em pecado, sem mudança de vida. De modo geral são humanos indecisos quanto a crer. Alguns até frequentam igrejas, mas não querem compromisso, mandam os filhos, mas não querem para si. Aqui também estão incluídos uma praga maravilhosa, os chamados "desigrejados", estes estão do nosso lado. Os lemas desse tipo de cima do muro ajudam o nosso trabalho: "religião e futebol não se discute" e "faça o que eu digo, não faça o que eu faço". Eles também estão sempre buscando satisfação pessoal

em teologias e liturgias frouxas. Sua tarefa é mantê-los assim ou transformá-los em céticos. Estes do muro também são nossos, mas nem todos, devido à sua fé incerta, o Opositor do nosso reino algumas vezes os tira de cima do muro levando-os para o seu lado de luz. Aí é impossível trazê-los de volta, uma vez que sua fé se torna firme e inabalável (lamento o assunto desagradável!).

Por fim, os religiosos são humanos que frequentam igrejas rigorosamente, mas não pertencem ao nosso Opositor. Servem a um conjunto de regrinhas religiosas, as quais constam no nosso Manual do Santarrão (não constam todas as regrinhas pois os humanos são muito criativos para inventar essas coisas!). Eles enganam a si mesmos pensando que servem ao nosso Opositor, quando, na verdade, servem a si mesmos. Mantenha-os enganados, mas tenha cuidado, pois estarás no mais terrível campo minado do nosso Opositor: a Igreja.

Por fim, te faço advertência, falando de um assunto de máxima seriedade. O nosso Opositor insiste em amar qualquer um desses tipos e seus subtipos (é claro que Ele tem outro motivo

escondido, pois todo diabo sabe que amar é uma impossibilidade fática e espiritual no Universo!). Por isso, no futuro, tenhas cuidado e toma todas as precauções ao escolher teus humanos, pois um deles pode voltar-se contra você, com intervenção contundente do Opositor. Aí estarás em apuros e nada do que aprendestes na Faculdade o ajudará.

Aguarde novas instruções.

Com descarinho, seu tio Malevotusco
(Diabotor da Faculdade de Artes Maléficas - FAM)



WhatsApp (31)98025.1010 - Telefone (31)3222.1010

A conversão da tesoura

Natan de Oliveira

...

Faz muitos anos.

Sim.

Muitos anos já se passaram.

Meu pai José na época tinha uns 30 anos.

Hoje ele tem 86 (quando eu escrevi este texto).

Mas ele, desde jovem, desejou ser pastor.

Então, o pastor de sua igreja, percebendo este interesse e vocação de meu pai, o colocou como dirigente de uma congregação de irmãos que moravam numa localização chamada Morrotes.

E lá foi ele ser dirigente daquela pequena comunidade.

Era uma daquelas igrejas onde se orava em voz alta o suficiente para ser ouvida, mas baixa o suficiente para não atrapalhar as orações dos outros.

Os fiéis, todos naquela época pessoas muito simples e pobres.



Caminhavam para a igreja com as Bíblias debaixo dos braços e eram nas ruas xingados.

Eram xingados de "Aleluías".

Na igreja se os ouvia cantarem.

As letras das músicas irritavam os que ouviam de coração duro e abençoavam os de coração aberto; cantavam para o Pai Celeste.

Na pregação, meu pai pregava com autoridade, e os irmãos todos, do menos letrado ao mais idoso, todos de Bíblia aberta, conferiam as passagens citadas para verificar se ele, o pregador, não falava mentiras.

Era uma igreja sem neon, sem jogos de luzes, sem guitarra, sem bateria, sem rock gospel, apenas aqui e ali um violão e um acordeão, quando tinha.

Ao se entrar, estavam todos de joelhos orando e esperando o culto começar.

Se ouvia um burburinho da oração baixa e individual que todos faziam.

Aquele burburinho fazia tremer as pernas de

qualquer pecador que ali passasse ou entrasse, e mesmo fazia tremer a perna dos crentes que ali congregavam.

Um dia meu pai iniciou mais um culto como qualquer outro.

E lá na porta entrou um homem mal encarado e sentou no último banco.

Meu pai continuou a pregar o Evangelho e a Jesus Cristo, nosso Salvador, e na metade da pregação o elemento mal encarado se levantou e sentou na metade da igreja.

Todos arregalados e assustados perceberam o movimento do malfeitor, mas ninguém disse um pio.

Era uma igreja que tinha o hábito de fazer convites ao final da pregação e convidar os presentes, que ainda não tinham feito, a receberem Jesus pela fé em seus corações.

Ao dizer amém, o bandido se levantou e veio caminhando até meu pai, que estava atrás de uma mesa e fazia a função de um púlpito.

O bandido, então, num movimento brusco, retira uma tesoura do bolso, coloca na mesa com estrondo e diz alto...

O povo com o coração na mão, assustado.

Então ele diz, olhando com ira nos olhos de meu pai...:

"Hoje eu vim aqui com esta arma para te matar, mas uma força que eu não sei qual é me impede. Fica com essa tesoura!"

E, dizendo isso, saiu rapidamente da igreja e nunca mais foi visto.

...

Eu, desde menino, cresci vendo essa tesoura lá em casa.

Minha mãe sempre foi costureira.

E se apaixonou por ela.

Meu pai deu muitas tesouras para a minha mãe.

Mas ela sempre estava com aquela que ela achava predileta para pespontar, cortar, etc.

Era preta; de tanto pegarmos nela, o "cromado" tinha escurecido.

Eu mesmo a usei para muitos trabalhos escolares de menino.

Convertida em uma tesoura de vida, agora não era mais usada para intentos de morte.

Muito trabalhou por nós e, por nós, amada e predileta também.

Convertida, instrumento do bem entre nós, "viveu" conosco até a aposentadoria de minha mãe, que tinha o hábito de a ter na bolsa.

Mas aqui se faz, aqui se paga.

Um dia minha mãe, totalmente desligada, se apresentou no aeroporto, e revistada, a tesoura foi apreendida.

Não sabemos mais seu paradeiro.

Deixou saudades.

Mas ela nos ensinou a certeza de que, quando o diabo quer nos matar, existe um Pai Celeste que nos protege.

E mesmo que Ele permita que morramos, ao abrir os olhos no porvir, a primeira imagem que vemos é Jesus nos recebendo de braços abertos, para estarmos com Ele pra sempre, sem mais choro, sem mais tristeza e sem mais sofrimento.

..

"Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum..."

Salmos 23:4

...

PS (escrito após a publicação do texto):

1 Quando eu escrevi esta história, aconteceu de, no dia seguinte, eu estar na casa de meu pai José para almoçar.

2 Do outro lado da mesa, meu pai José me olhava em silêncio, parecia que tinha dúvida se me falava ou não.

3 Num dado momento, do nada, ele me disse que a minha história estava errada.

4 "Errada, pai...?" Eu disse com a boca, mas com o coração feliz da vida em saber que ele tinha lido meu texto.

5 Ele se levanta e vai até o lado da sala de estar, onde ficavam os apetrechos de costura de minha mãe, pega um objeto e vem até mim.

6 Chegando à mesa onde eu, na cabeceira oposta, sempre costumava me assentar de frente para ele, coloca a tesoura de cabo vermelho na minha frente (também uma antiga tesoura íntima minha) e diz...

7 "Esta é a tesoura que me foi entregue pelo malfeitor naquela noite".

8 Eu arregalei os olhos, ali estava ela, a maldita abençoada. Ali estava a convertida.

9 Havia três tesouras antigas da minha mãe Miquita que eu amava: a grande e grossa, usada para cortar tecidos grossos; a média, de cabo vermelho, que usávamos para tecidos e cortes mais suaves; e a fina, pequena, pretinha para detalhes, que era a predileta da minha mãe e que foi apreendida no aeroporto.

10 Eu havia confundido as histórias desde menino, e nunca haviam me corrigido.

11 Lá está ela, agora mesmo, lá na casa da minha mãe Miquita, a prova de que o Pai Celeste protege os seus quando assim o apraz.

12 Mas eu já havia enviado a história para muitas pessoas e não podia mais "desenviar", então prometi ao Pai José que faria um anexo pós-escrito, caso eu publicasse a história novamente, afinal, se os dados não tinham sido precisos, por erro meu, a essência da história era a mesma...

13 A saber: podemos ficar tranquilos e confiantes: o Pai Celeste protege os seus, até mesmo da morte.

14 E mesmo que existam situações onde Ele aparentemente parece que não protege, a Sua proteção e o Seu cuidado para conosco nunca é relapso e sempre esteve presente.

...

"Levanto a minha cabeça e observo com medo os horrores e a insegurança deste mundo, e pergunto para mim: De onde me virá o socorro...?".

A minha alma então se acalma, pois sei, dentro de mim, que o meu socorro vem do Pai Celeste que fez os céus e a terra.

Ele não permitirá que eu saia debaixo da sua tutela e proteção.

É absolutamente certo que o Pai Celeste não cochila enquanto guarda você.

Ele pessoalmente é quem cuida de você.

Ele é como uma sombra à tua direita.

Os eventos do dia não te farão mal.

Os terrores da noite não te alcançarão.

Ele guardará você de todo mal; guardará a tua alma.

Ele guardará os teus caminhos de ir e vir.

Desde agora e para sempre!

Amém."

Salmos 121

Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.
natandeoliveira@yahoo.com.br



Vendinha

José Geraldo Hera

Minha mais remota lembrança de investidor data-se mais ou menos... Não posso precisar, sei que era miúdo e achava que tinha poder, e tinha. Meus irmãos precisavam de mim, bajulavam-me, afinal, eu tinha as mercadorias que eles queriam.

Meu estoque possuía três meizinhos, três pirulitos, seis ou sete balas enroladas, dois ou três doces de banana, duas pipocas e três ou quatro chicletes Ploc. Orgulhava-me da minha banquinha, até Coca-Cola atrevi-me a vender, devia ter uma só, um grande estoque, e nunca foi vendida. Meus clientes não eram lá tão luxuosos.

Havia um senhor que dava à minha irmã, mais velha, um cruzeiro para que fosse distribuído entre nós. Era um velhinho de uns setenta anos, andava como se as pernas tivessem amarradas uma na outra. A idade o fez encolher, não era mais alto do que uma vassoura. Era solitário e, de certa forma, tinha nos adotado como afilhados ou coisa assim.

O dinheiro vinha uma vez por mês, mas, para nós,

era muito. Parte desse dinheiro era gasto na minha "vendinha". Nesse dia, eu vendia tudo, e comprava mais. Nesse dia, também, eu recebia meus fiados, que eram muitos.

Nessa mesma época, a principal fonte de riqueza do meu "comércio" sucumbia à morte, Sr. Zé. Nós, meninos, não fomos ao enterro, não era coisa de criança, poderíamos não conseguir dormir depois. Veio-me de sobressalto que minha venda estava morrendo junto. Foi questão de tempo.

Não consegui manter meus irmãos, ávidos por balas e suas iguarias. Compraram toda a minha venda, nunca recebi. Aprendi, mais tarde, que uma dívida caduca depois de algum tempo. A dos meus irmãos caducou, digo, morreu de tanto esperar.

Até hoje convivo com meus devedores, os amo, de uma forma diferente, amor de gente grande, ranzinza, sem bater, sem apanhar, mas é, com certeza, um grande amor.

Geraldo Hera, escritor, professor de inglês e português, poeta e letrista.
jherarezende@gmail.com



SPOILERS

FRANKENSTEIN

de Guillermo Del Toro



Não sou fã de filmes de terror, mas abri uma exceção para ver o mais recente e festejado trabalho do diretor Guillermo Del Toro, Frankenstein, que estreou na NETFLIX. Ele já emplacou alguns sucessos, como "O Labirinto do Fauno", "A Forma da Água" e outros filmes esquisitos, mas, recentemente, já havia tropeçado no seriado "O Gabinete de Curiosidades de Guillermo Del Toro", composto por alguns curtas de terror que quase sempre apelavam para monstrosinhos ridículos e sangue espirrando para todos os lados. Mas quis dar uma chance para o sujeito e ver o filme.

Antes de mais nada, preciso dizer que o filme é ruim. É uma obrigação que tenho com o leitor. Tenho que ser sincero. O filme é chato, presunçoso, moroso e idiota.

No elenco Oscar Isaac, que faz o papel do cientista maluco, e o ator, realmente, tem um jeito de doido, com seus olhos esbugalhados e meio caídos, que me fazem lembrar um colega que tive na faculdade, que ficava perguntando para todo mundo que passava: "você não tem um 'zínho' aí"? Para quem não conhe-



Dr. Vitor Frankenstein

nhece o termo, "zínho" era aquele mesmo produto que Moreira da Silva cantava em sua música "vou apertar, mas não vou acender agora"...

No papel da criatura escalaram o modelo Jacob Elordi, e parece que a intenção era mesmo fazer um monstrinho gostoso, pois na maior parte do tempo está com uma espécie de sunga, mostrando o corpo longilíneo com alguns desenhos malfeitos que querem

dar a entender que são cicatrizes, resultado de cortes de partes dos membros de vários "doadores" que teriam sido costurados, mas é fácil perceber que aquilo foi desenhado com caneta hidrocor.



Para completar o elenco, a atriz Mia Goth, a mulher sem sobrancelhas, que já havia comentado em artigo anterior sobre o lamentável filme "A Cura". Ela era a namorada do irmão do Vitor Frankenstein, e sente uma paixão instantânea pela criatura (é óbvio, pois o cara é um monstrinho bonitão) e acaba sendo atingida por um tiro e morre, quando tentava proteger a criatura das garras de seu malvado criador.

O monstrinho vai parar em um navio encalhado no

mar gelado, onde a tripulação resgata um homem que está todo arreventado, e esse era o tal Vitor Fran-



kenstein, que aproveita para contar toda a história da criação da coisa, até que o monstrinho gostoso chega na embarcação para acertar as contas com o seu criador, que havia tentado destruí-lo depois que percebeu que o bicho só sabia falar "Vitor" seiscentas e oitenta e cinco vezes por dia, e para isso tem que matar alguns marujos, mas o cientista é protegido pe-





O monstinho do filme original

Capitão do navio, até que em determinado momento ele entra na cabine e começa a contar a sua versão, para que os espectadores fiquem sensibilizados e se convençam que ele é a verdadeira vítima, assim como os traficantes são vítimas dos usuários, de acordo com a fala de um certo Presidente.



A mulher sem sobrancelhas

No final do filme, Vitor Frankenstein morre, não antes de obter o perdão do monstrinho, e dá para ver que essa criatura é muito gente boa. Ele vai embora, pretendendo tocar a sua vida morta em algum país da Europa. Só faltou ele cantar e dançar de fraque e cartola, como no filme "O Jovem Frankenstein", a deliciosa comédia de Mel Brooks, de 1974.



*Eu quase fui “livre” —
e ainda bem que não fui*

Anderson C. Sandes



Eu tive um vizinho que era muito descolado, tocava em uma banda de rock, andava de skate, usava roupas radicais, saía e voltava à hora que queria. Eu, adolescente de interior, criado com pai e mãe caxias, sonhava em ser como o Bob — chamarei assim para preservar sua privacidade —, livre como o vento.

Certo dia, Bob sumiu. Foi morar em outras bandas. Eu cresci, me formei, arranjei trabalho, saí daquela vizinhança, casei, tive uma filha. E, nessa vida nova, como de costume, fui certa vez com a esposa e filha — ainda bebê — ao mercado, e lá estava o Bob: diferente,

sem os dreads no cabelo, acima do peso e, se não estava fortemente medicado, acabara de usar algo muito forte, pois parecia estar em outro mundo, mesmo assim ele me reconheceu.

Veio falar comigo e, para minha surpresa, eu não o reconheci. O que ele falava não fazia sentido. Não sabia em que eu poderia acreditar de suas palavras. Em algum momento, disse que precisava de roupas e perguntou se eu não tinha algumas sobrando. Tudo isso foi muito rápido. Logo estávamos nos despedindo. Senti extrema compaixão de Bob. Não queria, de jeito nenhum, estar em sua pele.

Bob não era livre como o vento. Era como a areia de uma ampulheta, preso, derramando a contento de quem brinca com o tempo: ele mesmo. Talvez ele nunca tenha sido livre. É possível que gostasse das músicas que ouvia por pressão do grupelho, que tocasse em uma banda só para impressionar adolescentes e suprir suas paixões mais primitivas. Se bebia ou usasse sei lá o quê, mesmo para "se libertar", acabou escravizado, totalmente entregue, vulnerável, dependente.

Hoje, mais cedo, minha filha pediu água de coco. Saí do claustro do escritório e fui comprar. Lá estava Bob,

sentado a uma mesa, em frente à barraca de coco da feira. Parecia mesmo medicado, anestesiado. Trocamos olhares, apertei sua mão e me resumi a um "Oi, Bob! Tudo bem?". Recebi um resumo ainda mais resumido:

"Beleza!". Mãos sem firmeza, voz ainda mais sem força. Não estava nada beleza. Comprei os cocos e saí.

O caminho de volta, claro, foi de reflexão. Logo a canção de Belchior veio à mente: "Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais". Belchior inicia a estrofe com um "Minha dor é perceber", mas evoquei a sentença sem nenhuma dor, sem nenhum arrependimento. Vivo como os meus pais viveram, não como Bob viveu, e isso é libertador. O jovem que admirava o Bob jamais acreditaria em tal felicidade, se eu pudesse voltar ao tempo e contar tudo. Foi um longo caminho para alcançar a liberdade que hoje tenho. Estou satisfeito.

Espero que Bob encontre a liberdade um dia. E, quando penso nele, "na parede da memória, essa lembrança é o quadro que dói mais".

Anderson C. Sandes — Pedagogo, poeta, cronista, ensaísta e autor de "Baseado em Fardos Reais", "Arte e Guerra Cultural: preparação para tempos de crise" e organizador da Antologia "Quando Tudo Transborda". Seus principais temas de estudo são: arte poética, história da literatura e estética.

andersonsandes.com.br



O NADA

Aldair Ribeiro dos Santos

- Adoro isso.
- O quê, senhor?
- Nada, adoro não fazer nada.
- Se o senhor "adora", porque o "não fazer"? Se gosta de fazer, então por que "não" fazer?
- Certo, certo, RX-3. Eu adoro fazer nada. Vocês robôs são lógicos demais.
- O que é "nada" senhor? Como se "faz" nada?
- Nada é...coisa nenhuma... nada... a gente faz nada assim... tipo... não fazendo nada, entende?
- Não, senhor. Se nada é algo que não se faz, então quando se faz nada, se está fazendo algo. Então o nada não seria realmente nada, pois o nada não se faz...
- Chega, chega, RX-3. Depois da 25ª geração robótica, vocês estão muito filosóficos e pouco práticos. Começo a desconfiar que essa inteligência artificial não é inteligente. Vocês não foram feitos pra pensar, foram feitos pra fazer. Nada sabem de ócio.
- Quem é o "ócio", senhor?!

- Não é "quem", ócio é quando você para de trabalhar, tira uma folga, um repouso, fica quieto fazendo nada... entendeu??!!
- Entendi, então o ócio é o fazer nada e o fazer nada é o ócio!
- Meio que isso...
- Obrigado pela explicação, senhor.
- Por nada.
- ??!!....

Aldair Ribeiro dos Santos

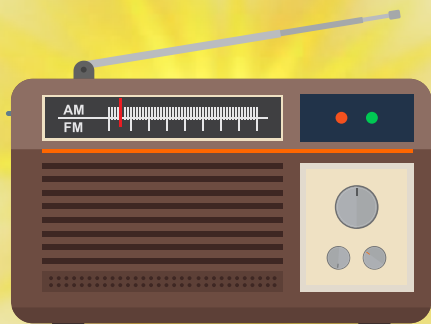
Contista, poeta e pedagogo, membro da ALACA - Academia de Literatura Cultura e Arte da Amazônia, autor do livro polêmico e contundente "A impossível tarefa de fazer gestão democrática na escola - e outras considerações impossíveis".

aldairars60@gmail.com



Longa Vida ao Rádio!

Sammis Reachers



Lá se vão uns meses, mas me recordo bem. No dia 02 de março houve um baíta problema nas linhas de transmissão elétrica da Enel. Resultado? Diversos bairros de Niterói e São Gonçalo sem luz.

Abri bem a janela de minha pequena sala, que recebia uma agradável brisa – benesse do outono, pois o verão só tem entregue dissabores... À luz inócua de uma pequena vela, me deitei no sofá, praticamente no escuro. Naquela pacata modorra, me lembrei de um objeto. E fiz algo que me catapultou a 30, 40 anos no passado: peguei um pequeno radinho de pilha que meu pai me havia presenteado, coloquei lá suas duas pilhas AA... E me espantei de que ainda houvessem rádios.

Que doce langor, que sensação aconchegante e melancólica ouvir a sucessão de frases e músicas naquele radinho. Já se vão duas décadas de YouTube,

Deezer, e quase três de arquivos MP3. É tanto, mas tanto tempo ouvindo só o que se quer, só o programado na playlist, que de repente ouvir uma rádio, com sua seleção de músicas aleatória (nem tanto, diria o jabá), desconstrutivamente além de meu controle, minha curadoria... Foi bom. Uma cura me curou, erva antiga, ali no escurinho da sala, no sofá velho mas ainda macio.

Desde sua invenção, por Guglielmo Marconi (surfando nas invenções de outras bel'almas), ou melhor, desde sua efetivação prática, como o conhecemos, em 1922, e sua popularização a partir dos anos 1930, são diversas gerações construindo suas histórias com o rádio. Eu nasci em parte devido ao rádio: Meu pai, paranaense do interior, veio tentar a sorte no Rio com sonhos de ator e também de atuar no radialismo. Conheceu aqui minha mãe, aqui ficou e o resto é história...

Estas últimas gerações (Z, de nascidos entre 1997-2012, e Alpha, a partir de 2013 até cerca de 2025) são as primeiras em quase cem anos a não ter uma história minimamente sólida – ou nenhuma – com este meio de comunicação, primeiro a realmente unificar o Brasil. Já nasceram no Youtube, Spotify e na nuvem.

A liberdade, a libertação de poder criar sua própria

playlist, suas músicas preferidas, e tocá-las na sequência em que quiser e onde quiser, com a miniaturização dos aparelhos sonoros, foi realmente revolucionária, e incontornável. Mas, passadas essas duas décadas da libertação, é preciso aceitar que o rádio não pode morrer (um parênteses, antes que você fale: não, os podcasts não substituíram os programas de rádio. Um podcast geralmente reúne gente descansada falando por TEMPO DEMAIS de coisas que caberiam num minimalismo não enjoativo. E enjoativo é um termo do qual os podcasts lutam para se libertar).

Sua cultura, sua variedade, seu jogo de aleatoriedade/previsibilidade são salutareos para o cérebro e o espírito. Depois do livro, essa salvação milenar, esse barco que nos ensinou e ensina a nadar, o rádio foi o primeiro construto em séculos a verdadeiramente debelar um bocado das chamas de solidão que costumam lambar o lombo e torrar a penugem de nossa espécie tombada.

Em dias de IA se aproximando da singularidade, de Alexa e Siri mimando os pequenos reis performáticos (você e eu, meu consagrado), escravos do breve e do boleto, é preciso proclamar: Longa vida ao rádio!

"Quarto de Despejo"

Jorge F. Isah

Vamos falar um pouco sobre "Quarto de Despejo", escrito por Carolina Maria de Jesus. Porém, antes de começar, é importante ressaltar alguns aspectos:

Uma obra, seja ela qual for, não pode ser avaliada por emoções ou coisas alheias ao próprio ato criativo. Por exemplo, João usa apenas calças roxas e blusas laranja com bolinhas verdes. Ele não admite vestir-se de outra forma. É visto por uma "figura". É descolado, vibrante, alegre e todos o querem por perto. Mas João é pizzaiolo, e suas pizzas são horríveis, mesmo que ele use uniforme roxo, laranja e bolinhas verdes. Assim, ele é duplamente conhecido: por estar sempre à disposição e entremeadado aos clientes com seu estilo "caloroso", mas ninguém quer uma pizzazinha sequer. João sugere, insiste, lança um sabor novo a cada semana, mas os clientes se contentam com os pacotinhos de chips e

amendoim, enquanto conversam e riem com o pizzaiolo, entre uma cerveja e outra.

Em seu "Diário de uma favelada", Carolina não pode ter sua qualidade literária avaliada pelo fato de morar no "morro", tanto para o bem quanto para o mal. Esse é um elemento completamente irrelevante no exame do seu trabalho.

Também, o fato de cursar até o 2º ano do ensino fundamental não pode interferir na análise. Quanto mais o fato de ser marginalizada e gostar de coisas que o brasileiro, em geral, desgosta: ler e escrever. Existem muitos leitores, para todos os gêneros e interesses e objetivos, e neles não há unanimidade, quanto mais vocação ou aspiração para a escrita.

A condição social, financeira, educacional, ideológica e pessoal do autor não deve ser ponto destacado em qualquer obra, com o risco de prejudicar não somente o julgamento, mas também rebaixar o talento e esforço a um mero "status quo".

O mesmo vale para o fato de ser negra, mulher, mãe solteira, recicladora e marginal, de pertencer a um grupo relegado à periferia de São Paulo.

Não estou a falar também de toda a obra de Carolina,

pois li apenas o "Quarto", e ele é o foco deste texto. E o excesso de cuidados em deixar claro o meu propósito não deveria ser necessário se os tempos, e alguns leitores, fossem mais perspicazes.

Posto isso, o livro é um diário, no qual ela relata o dia a dia da sua vida e de outros moradores, na favela do Canindé.

E o que dizer do livro?

A narrativa é direta, consideravelmente repetitiva, e não há esmero ou preocupação na construção das frases. Ao menos, na maioria. Óbvio que estamos a falar de uma realidade crua, muitas vezes desesperada e incerta. A precariedade dos recursos, aliada à fome, doenças, desemprego, faz a situação se agravar ainda mais. Se existe algo de virtuoso em Carolina é a sua sinceridade ao expor seus dilemas, anseios e não "baixar a cabeça" diante dos males a rodeá-la.

Bukowski, outro marginal muito mais talentoso, dizia que a literatura era a razão de não enlouquecer. Ocorreu o mesmo com Carolina, onde as letras, definitivamente, traziam alguma beleza, esperança e realização.

O diário, tal qual a confissão, é a forma mais profunda

de encarar a si mesmo e o mundo. Certamente, por isso, os floreios e dissimulações não se enquadram no seu paiol de ideias. Ao mesmo tempo em que as reflexões são brutais, é possível a ela se agradar do nascer do sol, do céu azul, de jardins e a gentileza de uns poucos. Ela se desnuda e se expõe sem rodeios. Não resta mais nada a não ser encarar a realidade e esperar um novo (re)começo.

Enquanto catava papel, plástico, metal ou qualquer outra coisa a render uns trocados, a certeza de ser poeta e escritora não deixava dúvidas nem mesmo aos seus vizinhos e conhecidos. A maioria a tratava com despeito, aquele velho bordão: "O que isso lhe deu?", porém, estavam mesmo era com inveja. Tenaz, teve o diário recusado pela "Reader's Digest", mas não desistiu, e continuou a escrevê-lo, na esperança de um dia ser publicado.

É uma leitura ligeira; todas as informações estão na primeira camada. À parte da luta pela sobrevivência, dela e dos filhos (3 no total), o maior problema é Carolina sentir-se incomodada, deslocada na comunidade, à qual pertencia contra a vontade. As inúmeras queixas de vizinhos, brigas, discussões e o

descaso público acentuavam ainda mais o infortúnio da autora.

Nesse ínterim, Carolina repudia com veemência as favelas e seus habitantes. Não faz como a maioria dos sociólogos, antropólogos, cientistas políticos ou palpiteiros que enfeitam a vida nos morros e tentam criar a áurea de falso glamour. Ela demonstra por "a" mais "b" que o ambiente é insalubre, doentio, e nada de bom, a despeito de uma ou outra benignidade, pode advir dali; a dignidade é o ressoar do abuso e indiferença. A favela é o território perfeito para os políticos não quererem erradicá-la; os dividendos para eles são inúmeros. Manter as pessoas na miséria é a melhor forma de distanciar as "pontas do poder"; por isso, imagina o dia em que terá a sua casa e abandonará para sempre a maloca.

É impossível não se comover com as situações bizarras e degradantes. Somente quem morou ou mora na periferia (a falta de educação dos brasileiros está se transformando em endemia, mesmo nos condomínios luxuosos e bairros de classe média) pode aquilatar um pouco do que ela vivenciou. Não é o melhor cenário para se desenvolver uma narrativa, mas era o que tinha.

A primeira lembrança que me veio, foi a leitura de "Vinhas da Ira", de Steinbeck. A linguagem crua, deformada, e a indignação dos personagens se assemelham. No americano havia a recessão, o "Crash de 29" e as lutas de classes (mesmo que a maior parte dos lavradores sequer soubesse do que se tratava) e a manipulação política. No caso da "favela do Canindé", os políticos apareciam somente às vésperas das eleições... e a recessão é um "looping infinito".

No final, a minha curiosidade foi satisfeita. A edição preservou praticamente todos os erros gramaticais e, novamente, como em "Vinhas da Ira" isso me incomodou bastante; se nele foi algo planejado, composto, em "Quarto" é orgânico e inato à autora. Houve, segundo o editor, o jornalista Audálio Dantas, a preservação da escrita original, com todas as suas imperfeições linguísticas, a fim de retratar fielmente o estilo da autora. A meu ver, a deficiência não é o mesmo que estilo. Mas vá lá, em tempos onde o exotismo disso e daquilo deve se sobrepor à ordem, harmonia e correção, o vício se traveste de virtude. Depois de algumas dezenas de páginas, liguei o "dane-se" e foquei no enredo.

Há alguns dias, ouvi de um autor, queridinho da intelligentsia, que, diante de uma lista dos grandes escritores do século XX, apontou Carolina como a maior. Ela bateu João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, entre outros. Sem precisar propor qualquer argumento ou discussão. Era ela e pronto!

Mesmo reconhecendo a persistência, obstinação e o vislumbre incessante do sonho; mesmo reconhecendo a denúncia social e política, não há como reputar, do ponto de vista estético, estilístico e formal, o "Quarto" uma obra de arte. Por muito menos, e bota menos nisso, Dostoiévski é acusado de ser um escritor ruim e desleixado. Imagina, por exemplo, se Nabokov e Hemíngway, que acusaram o russo de escrever mal, lessem Carolina.

Em "Quarto de Despejo", a prosa é assimétrica. E certamente não dará direito a nenhum salão de festas ou mesmo àquele dormitório no porão. Ficam, contudo, os milagres operados pela literatura. Os mesmos capazes de salvar Buck, Carolina, eu ou você..

UM RASTRO E DOIS CAMINHOS

Judson Canto

Em meados da década de 1980, eu era o líder da mocidade em uma congregação da Assembleia de Deus em Joinville. Na época, o regime era espartano em relação aos costumes, e a igreja não hesitava em se manifestar contra tudo que parecesse "o mundo entrando na igreja". Havia também uma clara distinção entre "música do mundo" e "hino", e a discussão entre ritmos aceitáveis e inaceitáveis na igreja era interminável.

Certo dia, eu e outro jovem, o Altair, resolvemos cantar "Rastros na areia", de Duduca e Dalvan, no culto de mocidade, que era realizado no domingo à tarde em um formato mais informal. Era, sem dúvida, uma "música do mundo", mas como também fora gravada por um cantor evangélico, o Osvaldo Nascimento, inferimos ter o aval necessário para cantá-la na igreja.

No culto vespertino, tudo normal. Todos eram jovens e gostaram da música. Então resolvemos cantá-la

também no culto à noite. Sabíamos que a plateia estaria dividida: parte dos crentes sabia que a música passara a fazer parte do repertório evangélico e parte desconhecia o fato ou não concordava com a nova classificação.

Já na introdução, alguns começaram a "se alegrar", enquanto outros franziram a testa. Mas foi quando começamos a cantar que os dois grupos se manifestaram com mais ardor: metade da igreja "glorificava" a Deus e a outra metade clamava o "sangue de Jesus".

Simplemente inesquecível.

JUDSON CANTO foi chefe do Setor de Livros na CPAD e coordenador editorial na Editora Vida. Hoje é editor independente, revisor e tradutor.
obalido@gmail.com



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon

ESMOLA

Michel Salomão



“Uma esmola pelo amor de Deus. Uma esmola, meu, por caridade. Uma esmola pro ceguinho, pro menino. Em toda esquina, tem gente só pedindo (...).”

É assim que começa a música do grupo Skank, cantada por Samuel Rosa. Falei sobre isso em outro artigo desta revista, mas o fato é que já não se vêem mendigos como antigamente. Os mendigos de hoje querem que os ofertantes custeiem integralmente

cada item de suas necessidades, e não têm paciência para juntar moedinhas. Um dia desses, fui abordado por um sujeito que pediu para que eu pagasse o botijão de gás dele. Disse que era só passar um PIX. Outro dia, foi um rapaz pedindo para eu comprar uma caixa de bombons na farmácia, para que pudesse vender nas



ruas. Uma pedinte pediu para que a minha esposa pagasse o aluguel da casa dela. A coisa está tão institucionalizada que já existem mendigos profissionais: a faxineira do meu prédio disse que o marido dela "trabalha" em um sinal do centro. Falou que chegaram a oferecer "emprego de carteira assinada para ele", mas não aceitou, porque ganharia



um salário e meio, mas conseguia mais do que o dobro pedindo esmolas.

O mais legal é que existe uma categoria de mendigos socialistas, que hostilizam os seus potenciais doadores, classificando-os como pertencentes à "classe opressora", e afirmam não acreditar em Deus, o que nos leva a repensar a questão da misericórdia e da caridade, requisitos essenciais à vida de um cristão, que, neste caso, estaria liberado de fazer boas ações a quem não merece.

No passado, quem pedia esmolas eram os necessitados, os doentes, os inválidos. Hoje em dia, porém, já tem muito gordinho se aventurando na "profissão", e parece que até já montaram um sindicato para representar a categoria, com grandes chances de lançar candidato a deputado.

A HISTÓRIA DE "CAR PALO, O AUDAZ"

Fábio Ribas



Era uma manhã de um mês de abril. E nossa amiga nos disse: "Fábio, você acredita que sempre sonhamos em entrar, mas as portas sempre fechadas e, veja, acabaram de ligar, eles estão pedindo professor de português... mas nós não temos ninguém no gatilho para enviar"...

Saí de lá com essa pulga atrás da orelha. Ninguém para enviar?! E eu? E nós? Era preciso falar com a Lu. Seria preciso tentar, jogar tudo para o alto e seguir acreditando nos sonhos que Deus derramava sobre nossas vidas. "Ir aonde ninguém mais queria ir" - sempre dissemos isso um ao outro.

Desde o início do nosso namoro na Faculdade Católica de Brasília, horário do intervalo, em frente à lanchonete, tracei os meus sonhos para aquela linda e também empolgada menina de olhos verdes: "Lu, vai ser assim, primeiro a gente vai para uma cidadezinha do interior, pequenininha, dessas que ninguém quer ir, alguma cidade em que possamos ajudar aqueles que trabalham com povos indígenas. Ficamos lá por alguns anos e depois vamos para a África, quem sabe um país muçulmano, portas fechadas. Mas isso só quando meus cabelos estiverem bem brancos, porque eu sei que os árabes respeitam mais os de cabelo branco... E depois? Depois, quem sabe com uns 70 anos, continuaremos sempre além, enquanto Deus nos der fôlego de vida para vivermos para a glória dEle"! E naquela nossa juventude sonhadora, ríamos um do outro e sentíamos nossos corações em chamas: "Lu, eu desperdicei a minha adolescência trabalhando para o diabo, mas agora eu quero investir o meu tempo para falar de Jesus".

De repente, todos aqueles sonhos da faculdade pareciam se iniciar. Precisávamos, contudo, fazer tudo bem planejado para não parecer apenas devaneios sem fundamento, até porque só nós sabíamos da trajetória

que nos havia trazido até aquele ponto. Então, sem ninguém saber, fomos conhecer a cidade em que moramos hoje. Nosso coração quase parado no peito, tudo finalmente começando e a sensação inequívoca de que estávamos no centro da vontade de Deus. Nem imaginávamos, porém, que nos planos de Deus havia mais, havia algo ALÉM! Na cidadezinha, houve o inesperado convite: "Por que só ajudar aqui na cidade? Por que vocês não entram e não conhecem uma aldeia indígena?". Era julho de 2006! De volta para Brasília, já sabíamos qual o povo e, então, começamos a nos preparar ao desconhecido. Começamos o contato com eles, com a aldeia, com a liderança para aquela que seria a nossa 1ª entrada na aldeia (janeiro de 2007). "Lu, você sabe o que vai acontecer se formos? Você sabe o que vai acontecer se tudo daqui para frente der certo? Vamos ter que deixar para trás nossas famílias, a estabilidade dos nossos empregos públicos e teremos uma forte oposição por levarmos nossas filhas (na época com 3 e 1 anos) para o meio da mata"! Por isso tudo, precisávamos assentar nossos sonhos sobre terreno sólido, antes de compartilharmos com a Igreja e a família tudo o que estava acontecendo. Portanto,

mais uma vez, seguimos sem dizer nada para ninguém, apenas a um seletto grupo de intercessores.

Dentro do carro, iríamos mais uma vez de Brasília rumo ao fim do mundo. Uma família urbaníssima de classe média, que sempre fora criada na cidade e nunca se aventurara para além do seguro e do preciso, estávamos nos preparando para uma viagem que até hoje nunca mais terminou. Dentro do nosso Gol prata 2003, lembrei de "Manuel, o audaz", o jipe amarelo que levava a turma de músicos mineiros do Clube da Esquina para tudo que era lado. Enfim, batizamos o nosso Gol de "Car palo" numa alusão ao povo com o qual estávamos começando a trabalhar e conhecer: "Car palo, o audaz".

Por que estou escrevendo sobre isso? Porque "Car palo" estava bem velhinho, motor cansado e barulhento e tinta da lataria toda descascada depois de todos estes anos de estrada e sonhos. Ontem, nós o entregamos como parte do valor do novo carro que compramos com a ajuda preciosa dos meus sogros... "Car palo, o audaz" foi testemunha de um tempo em que acreditamos que valia a pena crer nas promessas de Deus sobre nossas vidas a despeito das dificuldades e dos obstáculos que viessem pela frente.

Dessa maneira, escrevo para dizer que nossos sonhos se renovaram todos e que ainda estamos na estrada para "viajar/ e no ar livre/ corpo livre/ aprender ou mais, tentar"! Acreditando sempre no Deus que derrama sonhos e visões sobre nossos corações para a glória dEle. E como ainda cremos nAquele que começou esta boa obra e que haverá de concluí-la (sim, porque só Deus poderá dizer quando o nosso tempo aqui terminará!), batizamos o nosso novo carro de "Car palo II, ainda mais audaz"! E como diz essa lindíssima música: "Vamos aprender ou mais, tentar"! Obrigado a todos que estiveram conosco em oração, amizade e carinho e ainda estarão pelos anos que Deus nos der nesta estrada em que estamos.





J. M.

Glaysen Carneiro Marcelino

A noite chegou bem de mansinho e com os seus braços, foi-me escurecendo. De início não pude perceber e com o tempo fui sendo envolvido, entrando na escuridão lúgubre... num labirinto de pensamentos soturnos e funestos, sob a penumbra de um olhar negro e vazio que me vigiava. Era doce o seu vigo. Uma trama helicoidal e vertiginosa.

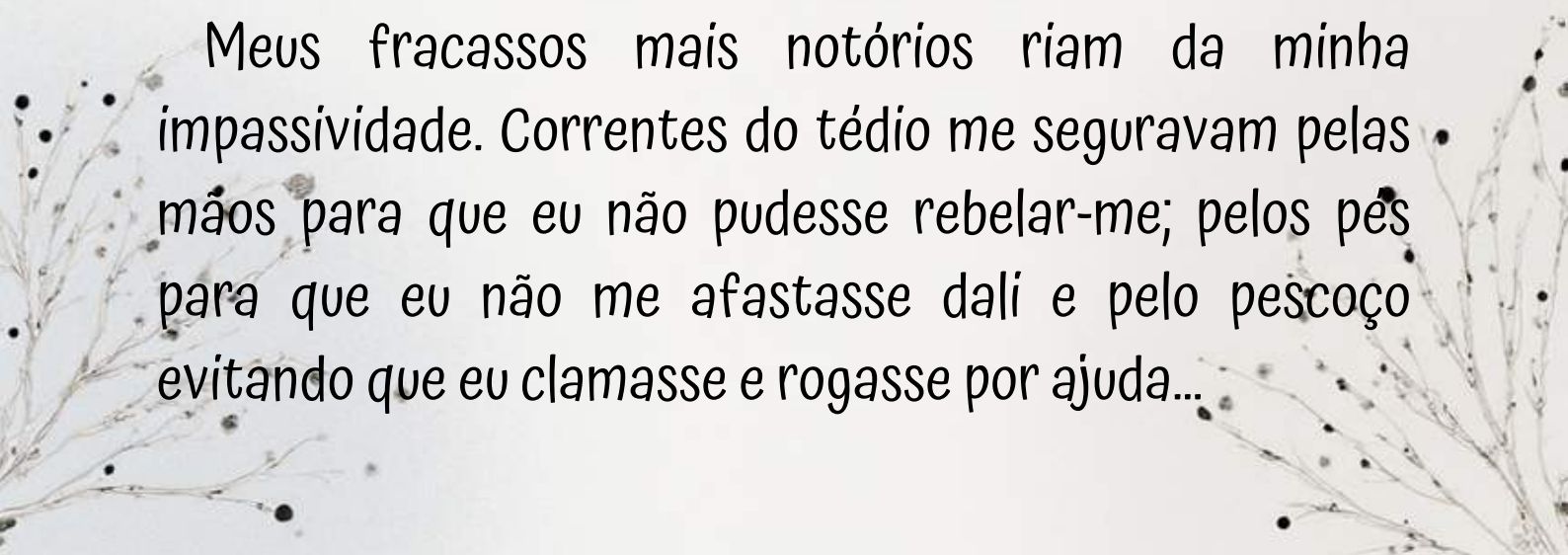
Fui ficando solitário e comedido, empurrado para o porão da minha existência... Inerte e procrastinando a cura, se é que um hora ela viria...

Era quase meia-noite.

Era quase sono...

Era um limbo de sentidos tétricos e sentimentos nulos. Passava em cortejo minhas fantasias não realizadas.

Meus fracassos mais notórios riam da minha impassividade. Correntes do tédio me seguravam pelas mãos para que eu não pudesse rebelar-me; pelos pés para que eu não me afastasse dali e pelo pescoço evitando que eu clamasse e rogasse por ajuda...



Foi o tempo nublando em frente aos meus olhos, tergiversando minhas angústias. Então como que o prenúncio de um novo dia, seus braços me abraçaram também e me acolheram com um sorriso doce, leve e luminoso ...

Ah, era a Aurora que chegava e me pegando pela mão, com uma voz macia e olhar firme, me levava para fora da caverna do medo. Eu à porta da cratera que havia se aberto em meu peito, senti que abrias a mão para que eu alçasse voo. Nesses momentos sou passarinho que ainda pousa nos galhos para cantar, mas ainda mais para ouvir o seu canto, o qual vou levando pela vida e essa fica mais bonita quando minha boca profere o seu nome.

Glaysen Carneiro Marcelino
Formado em Letras, professor de
Língua Portuguesa SEE MG.
Amo escrever, ler, jogar, cantar,
compor e fazer amizades.



A Estreia

Jéssica Fernandes

Há dez anos escrevo. Mas escrevo para mim.

Sempre foi assim. Às vezes eu escrevia porque estava feliz; outras, porque estava triste. Aliás, a tristeza sempre foi minha maior motivação para redigir.

Hoje arrisco-me a escrever para outros... que coisa, não?

Quando recebi o convite, me empolguei — afinal, escrevo há dez anos, não teria problema algum em publicar um texto meu. Será? Fiquei um tempo escolhendo algo, e não achei nada meu que pudesse ser lido por outros. Afinal, escrever para mim sempre foi um processo de catarse, nunca para entreter ou alcançar um certo público.

Já passou pela minha cabeça a possibilidade de uma publicação póstuma — pelo menos assim não precisaria me expor em vida. Enfim....

Considero-me uma admiradora das artes, principalmente da literatura, mas gosto mais de sentir o que ela me proporciona do que de produzi-la.

Sem mais delongas, aqui está o meu texto. Nem carregado de alegrias e tampouco de tristezas, mas que de alguma forma transparece minha intimidade. Agora vocês já conhecem a personalidade introspectiva e melancólica que me define.

“Do céu olha o Senhor para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem sequer um.”— Salmos 14:2,3.

“Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim.”— Romanos 7:21.

Sabemos que somos pecadores, pois, como está escrito, a verdade bíblica nos revela essa velha realidade. Se conhecemos a verdade, não apenas admitimos que somos pecadores, mas percebemos ainda mais o quanto nos distanciamos de Deus e mentimos para nós mesmos ao afirmar que somos verdadeiramente salvos.

Paulo foi sincero ao demonstrar seus dilemas para que a verdade fosse compreendida e aplicada à prática. Ele viu que sua natureza era má. E é exatamente dessa forma que Jesus nos mostra a verdade sobre sua palavra: não por Ele mesmo, mas por nós mesmos — ao nos vermos diante de sua palavra, notamos que não somos dignos de negar ou tentar justificar nossos atos, pois Deus conhece cada

detalhe, até mesmo o mais oculto, da nossa verdadeira essência.

Só podemos fazer o bem por Graça de Deus. Ele mandou seu Filho não para nos condenar, mas para nos livrar das mãos do opressor e nos guiar a novos pastos.

“Ele me faz descansar em pastos verdejantes; leva-me a águas tranquilas. O Senhor renova o meu vigor e me guia por caminhos certos, como Ele mesmo prometeu.” — Salmos 23:2,3.

Não somos capazes de transformar nossa natureza por nós mesmos, mas Cristo pode mudar nosso caráter.

“Confia no Senhor de todo o teu coração, e o teu desígnio (intento, plano, trajeto) será estabelecido.” — Provérbios 16:3.

Não será sempre fácil. Sacrificar o velho homem e o mau desejo, às vezes, pode até parecer moldar e custar a própria vida interior. Daniel relatou isso ao se

manter firme ao escolher não pecar. Se ele tivesse sido descuidado com sua maneira de viver, não teria dito:

“Que minha língua não me faça pecar. Enquanto os maus estiverem ao redor de mim, não falarei nada. Guardarei silêncio, mesmo que minha dor aumente. Mas o meu sofrimento se agravou, e a minha angústia ficou muito aflita.” — Salmos 39:1–3a

Não vai ser nada fácil, mas a recompensa virá e será eterna; e, certamente, algo que não se pode medir.

“Eu, porém, na justiça contemplarei a tua face; quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança.” — Salmos 17:15

Jéssica Fernandes - formada em letras - língua portuguesa. Cristã de berço, grande admiradora das artes, em especial a literatura.
jessicafcrredatora@gmail.com



A ESCATOLOGIA NOSSA DE CADA DIA

Helvécio S. Pereira

Não lidamos bem com certas coisas. A lista não é exatamente pequena. Nós, homens, lidamos mal com espinhas na adolescência, com a falta de pelos no corpo, com a musculatura que demora a se desenvolver, com a dor no estômago em horas de provas. As mulheres, por sua vez, sofrem com "ene" coisas, juntas e misturadas, desde a mais tenra idade às primeiras rugas, aos primeiros cabelos brancos, não exatamente nessa ordem.

Seria engraçado, mas certamente extenuante, listar desde os mais cômicos aos mais bizarros problemas reais e irreais com os quais cada um dos sexos fazem o maior drama em tempos de paz. Um fato é que não olhamos com suficiente clareza para o futuro, nem o próximo e muito menos o distante.

Mas um dia, se há sorte, ele chega a cada dia, semana, mês e ano, e começam a ser observados às lentes de um microscópio eletrônico, pelas quais as mais infinitesimais filigranas são percebidas com temor e ardor.

Hoje, com a multidão de fontes de informações a

despeito do temor de uma verdade e a resistência de grupos de toda a espécie, em impedir que opiniões, testemunhos, fatos e outras visões desinteressadas em desinformar, que lutem apenas pela verdade possam também legitimamente, ter seu "lugar de fala", somos informados, de forma rápida, eficiente, como nunca antes fora possível.

Pois bem: médicos, de verdade, e não somente aventureiros palpiteiros, nos trazem informações sobre saúde, psicologia e uma série de coisas. Por exemplo, para ter um retrato mais completo de sua saúde, cada um de nós teríamos que fazer todos os exames, na maioria caríssimos e pouco comuns, para sabermos em cem por cento como estaria a nossa saúde. O normal é o que acontece como fazemos com o nosso carro, que ao apresentar um barulho, motor fraco, soltar fumaça, e não acender uma luz sequer, o levamos ao mecânico. Com o nosso corpo, a cada sintoma, fazemos o mesmo: uma dor de cabeça, uma dor nas mãos, uma tontura, um caroço ou mancha, etc. Juntando centenas de idas ao médico, só saberemos não ter recurso nas últimas consultas, e não haverá mais o que fazer.

Mas voltemos à vaca fria: minha esposa e eu soubemos em momentos diferentes, por informações

médicas, na internet e fora dela - isso não muda as coisas - que espuma na urina é (mau) sinal que se está perdendo proteína, pois os rins estão, possivelmente, em fim de carreira.

Embora isso seja uma simplificação, pois a falta de cheiro ou cor diferente na urina não seja exatamente um bom sinal, ao urinar no vaso sanitário, me deparo com uma espuma repentina que sobe logo após a micção. Logo penso: estou morto!

Não digo nada a ela, e mesmo tendo um temperamento calmo e com tendência a aceitar a mais dura realidade, fico preocupado. O fato acontece três ou quatro vezes, em alguns dias da semana, em casa, mas não em outros banheiros de shoppings ou do trabalho.

Alguns dias depois pego a minha esposa dando aquela faxina no nosso banheiro e vejo os inúmeros produtos químicos usados por para desinfecção e percebo que ela tem exagerado na quantidade utilizada nos vasos sanitários. Era essa a razão a espuma. Alarme falso: não será desta vez que partirei desta para melhor!

Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com



papo **CRISTÃO**

por **Michel Salomão**

Nos tempos em que eu era ateu, pensava que Deus era uma criação do homem, com base em seus medos que eram muitos: raios, trovões, tempestades, incêndios, maremotos, tsunamis, morte, principalmente a morte, para a qual, até hoje, não existe uma definição precisa acerca do que é, se é uma eterna tela preta ou branca, se é o contrário da vida ou se é apenas uma etapa.

Com base nisso, o homem seguiu criando vários deuses, chegando aos milhares, como na crença induísta, mas, naquela época, eu preferia não acreditar em nada.

O estranho é que eu não tinha dúvidas quanto à existência de Jesus, um ser histórico, em seu nascimento, morte e ressurreição, em seus ensinamentos e milagres. Só que aquilo não me afetava diretamente e pensava que podia tocar a minha vida normalmente, sem a ajuda d'Eele.

Tem um tempo na nossa vida em que acreditamos que o nosso destino depende exclusivamente de nossa atuação, e que as conquistas são fruto de nosso merecimento e de coincidências que vão ocorrendo ao longo da história. Bens materiais, amores, amizades, empregos, promoções, viagens, tudo há de depender de nosso desempenho. E das coincidências. E quando as coisas dão errado? Aí é só começar a acreditar em Deus, convenientemente. Ou seja, para muita gente, Deus só serve para consolar os nossos fracassos e para pedirmos que nos traga de volta o que perdemos. Mas não deveria ser assim.

Não quero dizer que o Deus em que hoje acredito foi consolidado com base em derrotas. A gente acredita em tantas coisas absurdas e não vai acreditar que esse mundo não foi feito do acaso, que a vida é um milagre, que a rotação dos planetas não se sustenta de forma aleatória? E que Deus é o criador de tudo?

Hoje, mais agradeço do que peço, e confesso sentir uma certa vergonha por ter duvidado d'Ele durante tanto tempo.



coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, apliquei as economias de toda a minha vida em CDBs, CDIs e Fundos de Investimentos, e só agora soube que, caso as instituições quebrem, como no caso do Banco Master, poderei resgatar apenas R\$250 mil, enquanto os seus sócios embolsarão os bilhões que desviaram. O que posso fazer para me preservar?

Nelson - Compre um jazigo em um bom cemitério, pois ao menos isso eles não poderão lhe roubar.

Nelson, parece que está faltando homem no mundo: as atrizes da TV e do cinema, depois de se separarem dos seus maridos, estão se casando com outras mulheres. Estou pensando em fazer um anún-

cio nos jornais, colocando-me à disposição para o caso de precisarem de um macho de verdade.

Nelson - Neste caso, acho mais aconselhável você se submeter a uma operação e virar mulher, para ver se desperta o interesse delas.

Nelson, passei a frequentar uma igreja evangélica onde o Pastor disse que fizeram uma macumba para mim, e que para neutralizá-la eu teria que pagar uma taxa de R\$200,00 para cobrir as despesas de deslocamento.

Nelson - Pague R\$400,00 para que ele possa se deslocar para os quintos dos infernos.

Já me submeti a inúmeros tratamentos: lifting, rinoplastia, apliquei botox, fios de ouro, clareamento da pele, prótese capilar e gastei uma verdadeira fortuna, mas continuo me sentindo feia. Não sei mais o que faço.

Nelson - Existe um tratamento radical que talvez dê algum resultado: eutanásia.

Nelson, tenho 73 anos e ainda continuo virgem. Ainda tenho alguma esperança?

Nelson - A esperança é a última que morre. Não vai demorar.